



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

NICOLY MARIA CAETANO LIMA

A BUSCA PELO BEM-MORRER NO RECIFE OITOCENTISTA:

Um panorama dos óbitos e enterramentos da Freguesia do Santíssimo Sacramento de Santo
Antônio (c. 1818 - c. 1826).

Recife

2026

NICOLY MARIA CAETANO LIMA

A BUSCA PELO BEM-MORRER NO RECIFE OITOCENTISTA:

Um panorama dos óbitos e enterramentos da Freguesia do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio (c. 1818 - c. 1826).

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Graduação em História.

Orientador(a): Profa. Dra. Suely Creusa Cordeiro de Almeida

Coorientador(a): Profa. Dra. Luanna Maria Ventura dos Santos Oliveira

Recife

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Bibliotecário(a): Suely Manzi – CRB-4 809

L732b Lima, Nicolý Maria Caetano.
A busca pelo bem-morrer no Recife oitocentista: um panorama dos óbitos e enterramentos da freguesia do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio (c. 1818 - c. 1826) / Nicolý Maria Caetano Lima. - Recife, 2026.
61 f.

Orientador(a): Suely Creusa Cordeiro de Almeida.
Co-orientador(a): Luanna Maria Ventura dos Santos Oliveira.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em História, Recife, BR-PE, 2026.

Inclui referências.

1. Mortalidade - Recife (PE) - c. 1818 - c. 1826 .
2. Irmandade do Santíssimo Sacramento da Matriz de Santo Antônio - Recife (PE) - c. 1818 - c. 1826
. 3. Sepultamento - Recife (PE) - c. 1818 - c. 1826 . 4. Ritos e cerimônias fúnebres - Recife (PE) - c. 1818 - c. 1826 5. Registro civil - Obituários - Recife (PE) . I. Almeida, Suely Creusa Cordeiro de, orient. II. Oliveira, Luanna Maria Ventura dos Santos, coorient. III. Título

NICOLY MARIA CAETANO LIMA

A BUSCA PELO BEM-MORRER NO RECIFE OITOCENTISTA:

Um panorama dos óbitos e enterramentos da Freguesia do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio (c. 1818 - c. 1826).

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Graduação em História.

Aprovado em: 05/02/2026

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Suely Creusa Cordeiro de Almeida
Orientador(a) - Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof. Dr. Gustavo Acioli Lopes
Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

Prof. Dr. Wildson Félix Roque da Silva
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Dedico esta pesquisa à dona Rita (*in memoriam*). Sempre te dedicarei as melhores coisas que vierem de mim, porque sei que todas elas têm um pouco de você. Você vive em mim, minha vó.

AGRADECIMENTOS

Há boatos de que os historiadores são curiosos (alguns diriam *fofoqueiros*) e, para fazer juz ao título que nos foi dado, eu queria dizer que eu amo ler os agradecimentos de todas as monografias, dissertações e teses que eu encontro, mesmo que eu não conheça ninguém que foi mencionado. Portanto, escrever isso aqui é algo que eu almejo desde o início da graduação.

Antes de iniciar os agradecimentos, eu preciso mencionar que a minha graduação não foi fácil. A nível mundial, ela foi atravessada por uma pandemia, e a nível nacional, por um (des)governo que intensificou ainda mais essa crise epidemiológica. Como se pode imaginar, eu não fiquei bem. Além desses problemas que não estavam sob o meu controle, também vivenciei momentos difíceis na minha vida pessoal.

Eu quis destacar a dificuldade na caminhada para sempre me lembrar (e dizer àqueles que estão lendo isso aqui), que mesmo em meio a tantas dificuldades, foi possível seguir esse sonho e viver tantas coisas felizes. Por mais que eu tenha me visto, muitas vezes, perdida, olhar para trás e ver tudo que foi conquistado, é um alívio. Contudo, tudo isso só foi possível graças àqueles que estão mencionadas aqui.

Por isso eu gostaria de agradecer aos meus pais, Patrícia e Glauberson (môpi), por serem pais tão amorosos e por confiarem tanto em mim. Eu realmente não sei o que seria de mim sem o apoio de vocês, sem as nossas conversas, nossas risadas, nosso carinho e nosso amor. Vocês são e sempre serão as minhas maiores referências. A minha casa é o meu reino.

Eu não poderia deixar de agradecer à minha família, a de sangue e a que construí ao longo da vida. Dito isto, agradeço imensamente aos meus avós, Glaubemar, Sônia, Augusto e em especial, a dona Rita (in memoriam). Ao meu avô Glaubemar, eu agradeço por todos os banhos de praia e por me fazer conhecer todas as músicas de Roberto Carlos. À minha avó Sônia, eu agradeço pelo cuidado e pelas orações. Ao meu avô Augusto, agradeço por me levar e me buscar no colégio, todos os dias, em cima de um carrinho de mão, cheio de almofadas. É um prazer poder viver com o senhor todos os dias e agora poder cuidá-lo, da mesma forma que o senhor me cuidou. E finalmente, a minha avó Rita, que foi um ser humano de muita luz e que emanava amor por onde andava. Minha avó, os seus almoços, os seus bolos, o seu cheirinho, o seu carinho, seu cuidado, sua vaidade, suas orações... Tudo isso me enche de saudades.

Felizmente eu também fui agraciada com minhas tias Mere, Dilminha e Vilma, que me fazem rir até a barriga doer. E com primos e primas maravilhosos, destaco aqui Thiago,

Bruna, Evelyn, Juninho, Milena, Michele, Vanessa e Diego, que sempre foram muito presentes e me ensinaram muito (alguns me aperrearam muito também). Mas também preciso mencionar a parte da família que não é de sangue, mas são da vida: meus tios Renata e Carlos (*in memoriam*). Carlos, você já estava mencionado nesses agradecimentos há muito tempo, mas eu achava que daria tempo de te mostrar pessoalmente essa homenagem. Infelizmente eu não tive tempo. Espero que esteja vendo isso, onde você estiver.

Seria impossível montar esses agradecimentos e não mencionar a minha pessoa favorita, que também é o meu amor: Nathalya. Eu te agradeço por tanta coisa, mas entre elas, eu te agradeço pelo seu amor, seu carinho, cuidado e por cruzar vários quilômetros diariamente por mim. Você torna minha vida mais feliz e mais fácil. É muito bom viver a boa vida com você. Não vejo a hora de tornar a me declarar pra ti na dissertação e na tese também.

Deixo minha enorme gratidão à minha orientadora, Suely Almeida, e à minha co-orientadora, Luanna Ventura. Obrigada confiança, ajuda, indicações, carinho e apoio de sempre. Sem vocês, nada disso seria possível. Foi uma honra ter sido orientada por mulheres tão incríveis e competentes. Além disso, gostaria de deixar minha enorme gratidão aos demais professores da Universidade, em destaque aos professores Lúcia Falcão, Mônica Lins, Kleber Clementino, João Evangelista, Bruno Miranda e Bruno Boto, que fizeram minha cabeça fervilhar com tantas informações e ao mesmo tempo me apaixonar cada vez mais pela História, pela Docência e pela Pesquisa. Também não poderia de deixar o meu agradecimento aos professores que me acompanharam por toda a minha infância e adolescência, em destaque a Lila, Morgana, Simone Moraes, Paulo Cabral, Carmen Lúcia, Danúbio Santos, Arimatéia, Micheline, Jean, Eukenny e Allysson.

Por fim, eu não poderia deixar de mencionar os meus amigos. A começar pelo meu grupo fiel na graduação: Kakau, Dioguinho, João, Kelson e Layenne. Fico imensamente feliz por termos trilhado esse caminho inteiro juntos. Vocês são incríveis. Também preciso mencionar Susu (Suelen), que foi minha dupla em várias disciplinas e pôde me socorrer em momentos de puro desespero acadêmico. À todos, saibam que eu vou morrer de saudade dos nossos jantares juntos. A ruralinda também me fez conhecer Tayná e Caroliny, duas mulheres incríveis e inteligentes.

Menciono minha amiga Rany, que dividia comigo os (~~intermináveis~~) dias no Espaço Ciência. O meu amigo Lucas Mariz, meu maior confidente do pré-vestibular. O meu amigo Carlos Alberto, a pessoa que me tira as maiores risadas do mundo inteiro.

E em especial a Anderson, Branda, Brunão e Júlio. É difícil colocar em palavras todos os meus sentimentos por vocês, mas espero que saibam que nossos caminhos se cruzaram por algum motivo. Obrigada por me manterem de pé há tantos anos.

Obs: Agradeço demais a Delleon Bar, o lugar que viu minhas lágrimas mais tristes e os meus sorrisos mais genuínos. Valeu demais por todas as cervejinhas geladas e pela descontração depois de dias exaustivos.

A separação entre a alma e o corpo, mistério talvez mais incompreensível do que a união entre eles, é um dogma teológico justificado pela religião e por isso incontestável, mas de modo algum conforme às luzes da razão, e tampouco baseado em qualquer observação médica. (MÉNURET DE CHAMBAUD, 2022, p. 290).

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo principal analisar o simbolismo da morte e as práticas funerárias desenvolvidas nas igrejas da Freguesia do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio, situada na cidade do Recife, em Pernambuco, ao longo das primeiras décadas do século XIX. A investigação busca compreender como as concepções sociais sobre a morte se manifestaram através dos ritos e costumes fúnebres praticados no interior da freguesia. Para isso, propõe-se delinear um perfil demográfico dos óbitos registrados nesse espaço, observando variáveis como idade, sexo, condição social, mortalha e local de sepultamento, a fim de identificar padrões e rupturas nos modos de morrer. Com base nessas informações, pretende-se interpretar as representações simbólicas da morte entre os indivíduos da época e evidenciar de que maneira os rituais mortuários revelavam elementos culturais, religiosos e sociais subjacentes às práticas de sepultamento, contribuindo assim para a compreensão das dinâmicas histórico-culturais do Recife oitocentista.

Palavras-chave: Bem-morrer, Irmandades Leigas, Práticas funerárias, Recife oitocentista, Livros de óbitos.

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo principal analizar el simbolismo de la muerte y las prácticas funerarias desarrolladas en las iglesias de la Feligresía del Santísimo Sacramento de Santo Antônio, ubicada en la ciudad de Recife, en el estado de Pernambuco, a lo largo de las primeras décadas del siglo XIX. La investigación busca comprender cómo las concepciones sociales sobre la muerte se manifestaban a través de los ritos y costumbres fúnebres practicados en el interior de la feligresía. Para ello, se propone delinear un perfil demográfico de los fallecimientos registrados en ese espacio, observando variables como edad, sexo, condición social, mortaja y lugar de sepultura, con el fin de identificar patrones y rupturas en los modos de morir. Con base en esta información, se pretende interpretar las representaciones simbólicas de la muerte entre los individuos de la época y evidenciar de qué manera los rituales mortuorios revelaban elementos culturales, religiosos y sociales subyacentes a las prácticas de enterramiento, contribuyendo así a la comprensión de las dinámicas histórico-culturales del Recife decimonónico.

Palabras clave: Buena muerte, Hermandades laicas, Prácticas funerarias, Recife siglo XIX, Registros de defunción.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - Ilha de Antônio Vaz (Mauritsstad) – mapa de Frans Post, 1637	19
Ilustração 2 - Redesenho do Plano de Post do bairro de Santo Antônio sobre imagem de satélite do Google Earth (2022).....	19
Ilustração 3 - Separação entre a freguesia de São Frei Pedro Gonçalves (em branco) e a freguesia do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio (em preto), após 1789	21
Ilustração 4 - Localização das igrejas da freguesia de Santo Antônio.....	22
Imagem 1 – Lustre da igreja Santa Maria dell’Orazione e della Morte feito com ossos humanos.....	27
Imagem 2 – Assento de óbito da Freguesia de Santo Antônio (1818).....	34
Ilustração 1 - Párvulos (crianças) e adultos que vieram a óbito nos meses de 1818.....	36
Imagem 3 – Assento de óbito de um párvulo que faleceu na Roda dos Expostos.....	46
Imagem 4 – Assento de óbito de um homem que faleceu na Cadeia da Vila do Recife...	47
Imagem 5 – Assento de óbito de um homem que foi preso por matar a sua própria esposa.....	48
Gráfico 2 – Qualidade dos homens que morreram na Cadeia da Vila do Recife.....	49
Imagem 6 – Assento de óbito de uma pessoa pobre.....	51

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Relação entre as irmandades e suas respectivas igrejas em Santo Antônio - 1818.....	23
Tabela 2 –	Números e percentagem relativos aos óbitos ao longo dos meses de 1818 na freguesia de Santo Antônio.....	36
Tabela 3 -	Porcentagens relativas aos óbitos ao longo dos meses de 1818 na freguesia de Santo Antônio.....	38
Tabela 4 –	Relação do sexo biológico e local de sepultamento das pessoas não escravizadas (podendo ser livres ou libertas).....	38
Tabela 5 –	Relação do sexo biológico e mortalha das pessoas não escravizadas (podendo ser livres ou libertas).....	38-39
Tabela 6 –	Relação entre categorias de origem e qualidade e o sexo biológico dos escravizados em Santo Antônio - 1818.....	40
Tabela 7 –	Relação dos locais de sepultamento e do sexo biológico dos escravizados em Santo Antônio - 1818.....	40-41
Tabela 8 –	Relação da mortalha com o sexo biológico dos escravizados em Santo Antônio - 1818.....	37
Tabela 9 –	Quantidade e qualidade de crianças que nasceram na condição de cativas em Santo Antônio - 1818.....	43
Tabela 10 –	Relação do sexo biológico e local de sepultamento de crianças que nasceram na condição de cativas em Santo Antônio - 1818.....	44
Tabela 11 –	Relação das mortalhas e do sexo biológico das crianças que nasceram na condição de cativas em Santo Antônio - 1818.....	44
Tabela 12 –	Relação do sexo biológico e local de sepultamento mais utilizados por portugueses em Santo Antônio - 1818.....	50
Tabela 13 –	Relação entre o sexo biológico e as mortalhas utilizadas pelos portugueses em Santo Antônio - 1818.....	50
Tabela 14 –	Relação de qualidade dos assentos de óbitos de pessoas pobres em Santo Antônio - 1818	53
Tabela 15 -	Relação de Local de Sepultamento mais utilizados por pessoas pobres em Santo Antônio - 1818.....	53

Tabela 16 - Relação de Mortalhas mais utilizadas por pessoas pobres em Santo Antônio - 1818

54

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	15
Capítulo 1	ENTRE A FÉ E A VILA: O SURGIMENTO DA FREGUESIA DE SANTO ANTÔNIO NO RECIFE.....	19
1.1	<i>TERRITÓRIOS PARA A FÉ: O DESMEMBRAMENTO DA FREGUESIA DE SÃO FREI PEDRO GONÇALVES E A FORMAÇÃO DA FREGUESIA DE SANTO ANTÔNIO (1789 - 1830)</i>	<i>21</i>
1.2	<i>A IMPORTÂNCIA DAS IGREJAS PARA A CONSTRUÇÃO SOCIAL DE SANTO ANTÔNIO E DO RECIFE.....</i>	<i>25</i>
Capítulo 2	AZYLUS CIRCUM ECCLESIAM: O LUGAR COMUM ENTRE OS VIVOS E OS MORTOS.....	28
2.1	<i>NA SAÚDE E NA DOENÇA, ATÉ QUE A MORTE OS SEPARE: O PAPEL DAS IRMANDADES LEIGAS.....</i>	<i>29</i>
2.2	<i>A REFORMA CEMITERIAL: UM MURO ENTRE OS MUNDOS.....</i>	<i>31</i>
Capítulo 3	UM PANORAMA DOS ÓBITOS DA FREGUESIA DE SANTO ANTÔNIO.....	32
3.1	<i>REGISTROS PAROQUIAIS.....</i>	<i>32</i>
3.2	<i>ANALISANDO OS ASSENTOS E DESCOBRINDO SÉRIES E VESTÍGIOS.....</i>	<i>35</i>
3.2.1	<i>Enterramentos de párvulos e adultos.....</i>	<i>35</i>
3.2.2	<i>Enterramentos de escravizados.....</i>	<i>39</i>
3.2.3	<i>Enterramentos de crianças que nasceram como cativas.....</i>	<i>42</i>
3.2.4	<i>Enterramentos de homens presos que morreram na Cadeia da Vila do Recife.....</i>	<i>47</i>
3.2.5	<i>Enterramentos de portugueses.....</i>	<i>50</i>
3.2.6	<i>Enterramentos de pessoas pobres.....</i>	<i>51</i>
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
	REFERÊNCIAS	55

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objeto principal analisar a morte, os mortos e as práticas funerárias presentes ao longo das primeiras décadas do século XIX, nas igrejas que compõem a Freguesia do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio, situada no que hoje corresponde aos bairros de Santo Antônio e São José, na cidade do Recife (PE). Por meio da junção da História Serial, Demográfica e do Paradigma Indiciário, proposto pelo historiador Carlo Ginzburg, a investigação busca construir um perfil demográfico dos óbitos registrados nesse espaço, observando variáveis como qualidade, condição social, faixa etária, sexo biológico, tipo de mortalha e local de sepultamento, no intuito de identificar padrões e rupturas nos modos de morrer. A partir disso, busca-se não só compreender as dinâmicas histórico-culturais da morte no Recife oitocentista, mas também analisar a sua demografia.

No Recife oitocentista, as concepções e práticas relacionadas à morte passaram por transformações significativas ao longo do século, cujos efeitos ainda se fazem sentir na contemporaneidade. Contudo, é impreciso afirmar que a morte, em essência, tenha se modificado; o que mudou foram as suas representações sociais. De modo geral, o século XIX foi marcado por um processo de dessacralização da morte, que acabou por naturalizar novas práticas e contribuiu para o apagamento (ou esquecimento) de antigos rituais e significados associados à forma domada de morrer.

O termo “morte domada” foi cunhado pelo historiador francês Philippe Ariès (2003), em seu livro intitulado *História da morte no Ocidente*. Esse conceito surge como forma de ilustrar a proximidade entre o mundo dos vivos e dos mortos, oposto à representação da morte que temos hoje em dia. Aliado a esse conceito de “morte domada”, surgem as preocupações com a boa morte. O historiador João José Reis aponta:

As concepções sobre o mundo dos mortos e dos espíritos, a maneira como se esperava a morte, o momento ideal de sua chegada, os ritos que a precediam e sucediam, o local da sepultura, o destino da alma, a relação entre vivos e mortos eram todas questões sobre as quais muito se pensava, falava, escrevia e em torno das quais se realizavam ritos, criavam-se símbolos, movimentavam-se devoções e negócios [...] As cerimônias e a simbologia que envolviam a morte eram produzidas para promover uma boa viagem para o outro mundo, cuja distância deste era consideravelmente menor do que hoje. O tratamento dispensado ao morto visava integrá-lo o mais breve possível em seu lugar, para seu próprio bem e a paz dos vivos.¹

¹ REIS, João José. O cotidiano da morte no Brasil oitocentista. In: NOVAIS, Fernando A. (coord.); ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org.). *História da vida privada no Brasil: Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 95-142.

Essa ritualística voltada ao ideal do bem-morrer tem origem na Europa medieval, sendo transplantada para o Brasil com a colonização portuguesa e mantendo-se vigente até meados do século XIX. Sua presença pode ser identificada, entre outros aspectos, na atuação das irmandades leigas, que desempenhavam um papel assistencial junto à comunidade, oferecendo amparo não apenas no âmbito da imanência da vida, mas também na dimensão da transcendência da morte.

Nesse contexto, esta pesquisa pretende contribuir para a ampliação do conhecimento sobre a história da morte na vila do Recife, ao investigar seus padrões e rupturas. Para tanto, observa-se tanto o mundo sensível quanto o mundo inteligível, buscando compreender as simbologias e concepções associadas à morte, bem como as formas concretas pelas quais a finitude da vida se manifestava na prática, isto é, a sua demografia da morte. Dessa forma, o estudo propõe-se a investigar o perfil das pessoas sepultadas na freguesia, considerando elementos como crenças religiosas, faixa etária, condição jurídica, entre outros aspectos que possam revelar as características sociais e espirituais do Recife nas primeiras décadas do século XIX, com o objetivo de reconstruir o panorama histórico e religioso desse período.

O recorte temporal da pesquisa data das primeiras décadas do século XIX, por ser um período de transição, que marca o fim dessa busca pela boa morte e dos enterramentos intramuros, para uma morte cada vez mais laicizada e com enterramentos extramuros. Visto que o movimento da Reforma Cemiterial crescia cada vez mais na Europa, ele começou a ser trazido por médicos higienistas para o Brasil, dando o pontapé inicial para esse processo de secularização.

A metodologia adotada nesta pesquisa articula elementos da História das Mentalidades, conforme desenvolvida por autores como Philippe Ariès e Michel Vovelle, com fundamentos da História Social, que também foi desenvolvida pelos mesmos autores, produzindo uma espécie de História Social da Morte. Ao privilegiar a análise das representações simbólicas da morte no Recife oitocentista, essa abordagem permite compreender os ritos funerários não apenas como práticas religiosas, mas como expressões de uma visão de mundo compartilhada e historicamente construída.

Ademais, a forma pela qual teremos de reconstruir esse passado será possível por meio do paradigma indiciário idealizado pelo historiador italiano Carlo Ginzburg, em sua obra intitulada *Mitos, emblemas e sinais*. Ginzburg cria um método de observação da sociedade que permite reconstruir a história por meio de fragmentos. De forma resumida, ele acredita que o ofício do historiador precisa ser atento aos detalhes, às pistas e aos pequenos sinais,

para que, assim, a história possa ser construída de maneira satisfatória e confiável. Entretanto, também será utilizado um método de análise serial das fontes, como proposto por Michel Vovelle, visto que sua vasta quantidade garante também certa regularidade. Em outras palavras, buscamos observar tanto as rupturas quanto as continuidades.

No caso desta pesquisa, essa reconstrução é possível por meio da análise de fontes primárias, conhecidas como registros paroquiais, que podem ser grandes livros manuscritos nos quais são registrados, em assentos, os batismos, matrimônios e óbitos. Esses assentos, quando observados em conjunto, podem ser utilizados para compreender a dinâmica social e religiosa do período. Aqui serão utilizados os assentos de óbitos, que estão acondicionados na Cúria da Arquidiocese de Olinda e Recife e permitem traçar um perfil das pessoas que foram enterradas na freguesia.

No referencial historiográfico, utilizamos a obra do historiador Gian Carlo de Melo Silva, intitulada *Um só corpo, uma só carne: casamento, cotidiano e mestiçagem no Recife colonial, 1790–1800*, para compreender o território composto pelas freguesias de São Frei Pedro Gonçalves, Santo Antônio, Boa Vista e São José. Também foi utilizado o relato do viajante inglês Henry Koster, no livro *Viagens ao Nordeste do Brasil*, para auxiliar nessa reconstrução territorial e social da freguesia.

O contexto religioso do período é voltado à atuação das irmandades leigas estabelecidas no Recife, que eram diversas e possuíam várias atuações dentro da província. Portanto, como forma de compreender essa questão, foi utilizada a obra da historiadora Suely Almeida, intitulada *Entre o Céu e a Terra: Irmandades Leigas em Pernambuco*, a qual permite compreender a atuação das irmandades de acordo com suas diferenças e seus diversos papéis sociais. Para complementar, também foram estudadas as teses e dissertações das pesquisadoras Juliana da Cunha Sampaio (2009), Janaína dos Santos Bezerra (2010), Raquel Cristiane Muniz Florêncio (2011), do pesquisador Welber Carlos Andrade da Silva (2012) e Petrus Brandão (2019), que também contribuíram para a consolidação de uma expressiva historiografia pernambucana dedicada ao estudo das irmandades leigas.

Para discutir o simbolismo da morte, as obras de Philippe Ariès, Michel Vovelle, Cláudia Rodrigues e João José Reis tiveram papel importantíssimo. Além disso, de maneira mais direcionada ao Recife, a dissertação da historiadora Vanessa de Castro Sial, intitulada *Das igrejas ao cemitério: políticas públicas sobre a morte no Recife do século XIX*, foi essencial para ilustrar a sociedade oitocentista e a passagem dos enterramentos eclesiásticos para enterramentos cada vez mais dessacralizados.

Por fim, para a análise dos assentos de óbito, as obras de Gian Carlo de Melo Silva, Welber Carlos Andrade da Silva, João José Reis e João Nicácio mostraram-se fundamentais para orientar o olhar crítico sobre as fontes, auxiliando na formulação das questões possíveis, na identificação daquelas passíveis de resposta direta e na delimitação dos aspectos que exigem do historiador o exercício de conjecturas na busca por explicações plausíveis.

Os capítulos estão organizados da seguinte forma: o primeiro dedica-se à análise da formação do Recife, à criação da Freguesia do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio e ao papel das igrejas na construção social da vila. Esse capítulo é fundamental para a compreensão da geografia da freguesia, de seus limites territoriais e das igrejas que compunham sua jurisdição, além de evidenciar a centralidade e a imponência da religiosidade no cotidiano da população.

O segundo capítulo aborda a busca pelo bem-morrer e a ritualística associada aos ritos fúnebres, entendidos como meios para a obtenção do Reino dos Céus. Além disso, discute-se o processo de laicização da morte, marcado pela grande atuação dos médicos higienistas e a transição dos cemitérios intramuros para os extramuros.

Por fim, a pesquisa se conclui com a análise dos assentos de óbito da freguesia de Santo Antônio, a partir de recortes como sexo biológico, faixa etária, condição jurídica e qualidade, entre outros, com o objetivo de articular os “vestígios em série” deixados ao longo do ano de 1818 e, assim, traçar um retrato da sociedade recifense oitocentista.

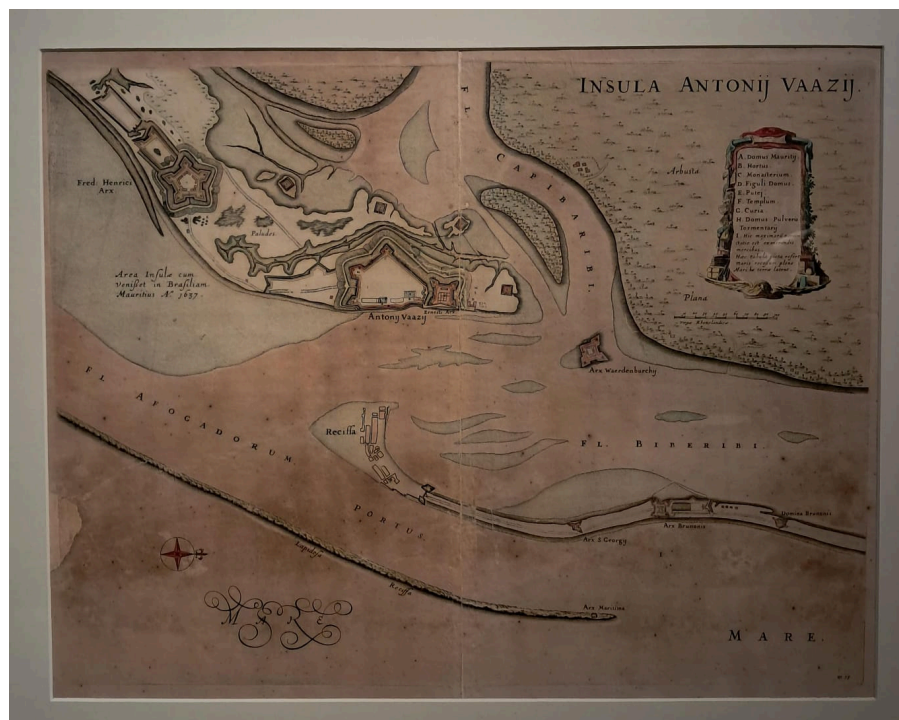
2 ENTRE A FÉ E A VILA: O SURGIMENTO DA FREGUESIA DE SANTO ANTÔNIO NO RECIFE

O intuito deste capítulo é explicar a construção espacial e a configuração social da freguesia do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio no século XIX. Como ponto de partida para compreender a dinâmica dos residentes da freguesia, é preciso retornar ao período colonial e compreender a relevância da região portuária do Recife, considerando suas modificações espaciais, estruturais e sociais ao longo do tempo.

De acordo com Oliveira (2021), o porto do Recife foi o principal ancoradouro da Capitania de Pernambuco e o terceiro principal da América portuguesa, possuindo uma grande relevância para o comércio escravista. Durante o século XVI, ele teve a presença de diversos navios estrangeiros que buscavam a produção açucareira da Capitania, produzida a partir do trabalho de escravizados, inicialmente indígenas e posteriormente africanos, que começaram a aportar em Pernambuco. Já no século XVII, a capitania foi um dos palcos da invasão holandesa, o que intensificou o crescimento populacional e econômico, tornando real o primeiro plano urbanístico da então Cidade Maurícia (*Mauritsstad*), a partir do projeto urbanístico criado pelo arquiteto holandês Pieter Post.

A Ilha de Antônio Vaz, escolhida para ser a sede desse governo, sofreu intensas modificações, seguindo os moldes norte-europeus. De acordo com Costa et al. (2023), esse projeto propôs a construção da primeira ponte da vila, que conectaria o núcleo portuário ao até então aglomerado urbano da Vila de Santo Antônio, sendo inaugurada em 1644 e tem localização aproximada à atual ponte Maurício de Nassau, que liga o bairro do Recife ao de Santo Antônio.

Ilustração 1 - Ilha de Antônio Vaz (Mauritsstad) – mapa de Frans Post, 1637



Fonte: Fotografia da autora (2025), a partir de POST, Frans. Área Insulae cum Vicinitate ad Brasiliam Mauritium Ao 1637. Acervo Instituto Ricardo Brennand, Recife.

Ilustração 2: Redesenho do Plano de Post do bairro de Santo Antônio sobre imagem de satélite do Google Earth (2022)



Fonte: Costa et al. (2023)

Além da construção de várias pontes, como a já citada Ponte do Recife, que ligava a vila ao istmo, ou a ponte da Boa Vista, que ligava a ilha ao continente, de acordo com Barreto, citado por Vasconcelos e Sá (2011), também foram construídos camboas, canais, e vários locais alagadiços e encharcados foram aterrados, a fim de incorporar novos espaços à expansão urbana.

Segundo Evaldo Cabral de Mello (1995), mesmo após a expulsão dos holandeses, em 1645, o crescimento e o desenvolvimento econômico do Recife não diminuíram, tanto que, em 1710, o Recife passou à condição de vila, iniciando o conflito político conhecido como Guerra dos Mascates: de um lado, a aristocracia olindense e, do outro, os mascates. O conflito foi encerrado, mas o revanchismo entre os moradores do Recife e de Olinda foi uma constante durante o século XVIII e parte do século XIX.

Mesmo nesse cenário, o ponto principal para esta pesquisa é que, a partir da retomada portuguesa e da expulsão dos holandeses, os espaços das igrejas floresceram no Recife. Ademais, o estabelecimento de irmandades religiosas no Recife, favorecido pela relação entre a Igreja Católica e a Coroa portuguesa, contribuiu para a consolidação da sociedade que se estabelecia na antiga vila de pescadores.

Os moradores do Recife buscavam participar ativamente das celebrações religiosas; no entanto, existia um conflito com a elite olindense, que segregava os comerciantes e reinóis moradores do Recife. Foi a partir dos esforços desses moradores do Recife, por meio de doações para ordens religiosas e irmandades, que várias igrejas puderam ser construídas e modificaram a dinâmica socioespacial.

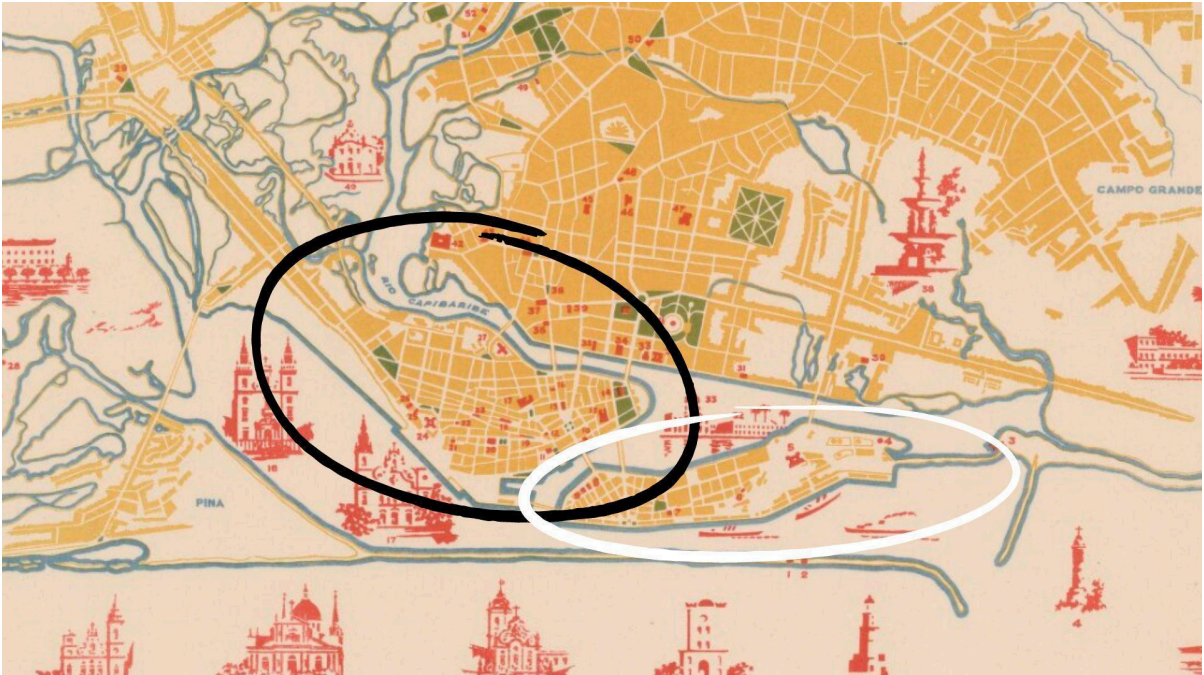
1.1 TERRITÓRIOS PARA A FÉ: O DESMEMBRAMENTO DA FREGUESIA DE SÃO FREI PEDRO GONÇALVES E A FORMAÇÃO DA FREGUESIA DE SANTO ANTÔNIO (1789-1830)

De maneira simplista, uma freguesia é um território dividido de maneira geográfica e eclesiástica. Portanto, não se considera apenas a sua extensão e seus limites territoriais, mas também as igrejas que compõem aquela porção de terra. Então, até o final do século XVIII, o que hoje corresponde aos bairros do Recife, Santo Antônio e São José correspondia à freguesia de São Frei Pedro Gonçalves, com a Igreja Matriz do Corpo Santo, demolida posteriormente pelo processo de modernização do Recife.

Entretanto, devido à grande extensão territorial de São Frei Pedro Gonçalves e ao rápido crescimento populacional, a Irmandade do Santíssimo Sacramento reconheceu a

necessidade de fragmentar a freguesia e construir uma nova igreja matriz na região. Em vista disso, no dia 25 de agosto de 1789, saiu o alvará que autorizava a divisão da freguesia, criando oficialmente a freguesia do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio.

Ilustração 3: Separação entre a freguesia de São Frei Pedro Gonçalves (em branco) e a freguesia do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio (em preto), após 1789.



Fonte: MONUMENTOS E CURIOSIDADES DO RECIFE. [S.l.: s.n.], s.d. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b532044176>>. Acesso em: 18 de abr, 2024.

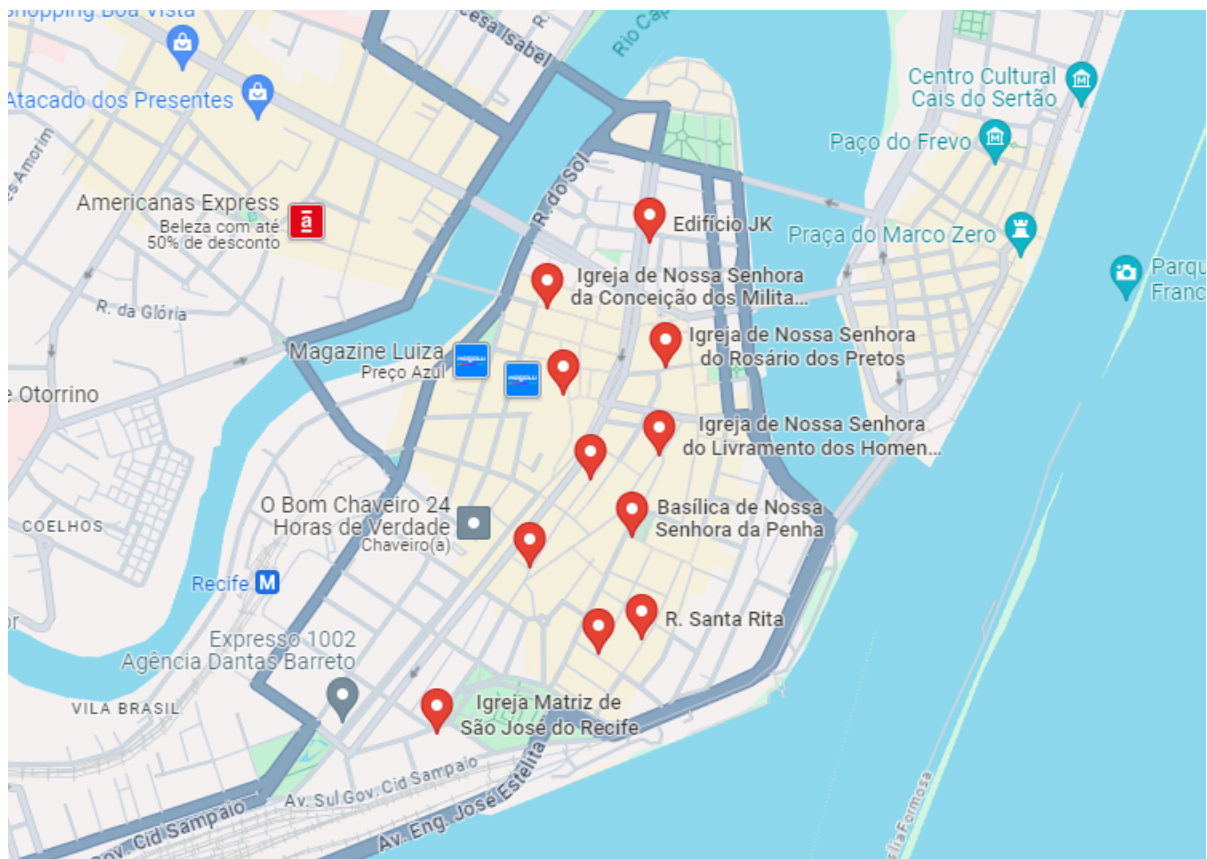
O cronista luso-brasileiro Henry Koster, na sua obra *Viagens ao Nordeste do Brasil*, diferencia o território dos bairros do Recife, Santo Antônio e Boa Vista. Inclusive, a freguesia do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio surge a partir da divisão da freguesia de São Frei Pedro Gonçalves, mas Koster destaca que ela se torna o bairro principal do Recife.

S. Antonio, o bairro central, é composto inteiramente de casas altas e de ruas largas, e se estes edificios tivessem alguma beleza haveria um certo ar de grandeza, mas são muito altos para sua largura e a parte terrea serve para lojas, armazens, oficinas, cocheiras e outros usos semelhantes. As lojas não têm janelas. Recebem luz unicamente pela porta. Existe diferenças minimas na distinção do comercio. Todas as mercadorias são vendidas pela mesma pessoa. Algumas das ruas menores têm casas mesquinhas e baixas. Ai estão o Palacio do Governador, outróra convento dos Jesuitas, a Tesouraria, a Casa da Camara e prisão, as casernas, que são pessimas, os conventos dos Franciscanos, Carmelitas e Penha, varias igrejas, com interior ornamentado mas sem nenhuma graça architectonica. Compreende muitas praças e ha uma certa impressão de vivêza e de alegria. E' o principal bairro da cidade².

² Idem, p. 35

Dentre as igrejas que compõem Santo Antônio estão: a Igreja da Conceição dos Militares, a São Pedro dos Clérigos, a do Livramento dos Homens Pardos, a do Rosário dos Pretos, a de São José, a de Nossa Senhora do Terço, a de São José do Ribamar, a da Penha, a dos Martírios, a do Paraíso, a de Santa Rita, a Igreja da Congregação do Colégio, além das capelas particulares e de outras localizadas nos bairros de Santo Amaro até a Várzea.

Ilustração 4 - Localização das igrejas da freguesia de Santo Antônio



Fonte: Elaborado pela autora a partir de imagem do Google Earth, 2024.³ Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/Yt6eo2dh8d8cWrbT8>.

Vale ressaltar que algumas dessas igrejas, como a de São José, a de Nossa Senhora do Terço e a dos Martírios, faziam parte da freguesia de Santo Antônio; no entanto, a partir de 1844, começou a haver um desmembramento da cidade do Recife em razão do seu avanço populacional, o que ocasionou o surgimento de uma nova freguesia: São José. Esse apontamento é necessário para que seja possível compreender como era o espaço de Santo Antônio no período estudado, considerando suas modificações territoriais.

³ A antiga igreja do Paraíso, demolida no século XX, era localizada no local onde hoje fica o edifício JK.

O crescimento urbano faz com que em 1844 seja feito o desmembramento administrativo da cidade com a criação de algumas freguesias, entre estas a freguesia de São José. O desmembramento administrativo da região contígua ao centro da cidade evidencia que essa área se tornava mais povoada e assumia uma dinâmica urbana mais autônoma dos equipamentos da área de Santo Antônio⁴.

Portanto, a quantidade de igrejas que compunham a jurisdição eclesiástica da Matriz de Santo Antônio era extensa, assim como a quantidade de irmandades leigas. O historiador Welber Carlos Andrade confecciona um quadro a partir dos códices presentes no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), no qual é possível extrair as irmandades e o local/igreja em que elas estavam inseridas, a partir da relação de compromissos de irmandades pernambucanas no século XVIII.

Tabela 1: Relação entre as irmandades e suas respectivas igrejas em Santo Antônio - 1818

IRMANDADE	IGREJA/LOCAL
Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo; Ordem Terceira do Seráfico Padre São Francisco; São José dos ofícios de carpinteiro, pedreiro, marceneiro e tanoeiro.	Vila de Santo Antônio do Recife
Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos; São Domingos dos Homens Pretos;	Igreja do Rosário dos Pretos da Vila de Santo Antônio do Recife
São Benedito; Espírito Santo.	Convento de Santo Antônio do Recife
Nossa Senhora do Terço	Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos da Vila de Santo Antônio do Recife
São José da Agonia	Hospício da Penha da vila de Santo Antônio do Recife
Santíssimo Sacramento	Matriz de Santo Antônio do Recife

Fonte: ANDRADE, Welber Carlos, 2019. (adaptador pela autora)

⁴ FUNDAJ citado por PACHECO, 2016.

1.2 A IMPORTÂNCIA DAS IGREJAS PARA A CONSTRUÇÃO SOCIAL DE SANTO ANTÔNIO E DO RECIFE

As modificações realizadas pelos holandeses, em conjunto com o processo de pós-restauração pernambucana, que integrou várias igrejas ao território, transformaram a antiga aldeia de pescadores em uma das freguesias centrais e mais povoadas, possuindo em sua paisagem um número expressivo de igrejas. Além disso, vale destacar que a Irmandade do Santíssimo Sacramento era uma das mais importantes e com maior prestígio social, o que demonstra a importância da Igreja do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio.

As igrejas que passaram a compor o território recifense possuíam uma enorme importância no cotidiano dos moradores da freguesia, assunto que será detalhado mais à frente. Isso acontece porque, segundo Giddens (2023), as religiões implicam um conjunto de símbolos que evocam sentimentos de reverência ou de temor, ligados a rituais ou cerimônias (como os serviços religiosos) realizados por uma comunidade de crentes; então, essa relação intrínseca entre a sociedade e a religião acaba fazendo com que as igrejas fossem muito utilizadas, por pessoas saudáveis, enfermas e até as que já vieram a óbito.

Ao vislumbrar a vila do Recife, notava-se a grande quantidade de igrejas que compõem a dinâmica socioespacial do local. De acordo com Janaína dos Santos Bezerra (2010), construção dessas igrejas foi, em sua maioria, resultado de esforços das irmandades leigas, que, além de servirem aos objetivos do Estado português e da Igreja no processo de colonização e expansão da fé cristã, também se destacavam como espaços para o exercício da sociabilidade, da sobrevivência e da resistência de diferentes grupos sociais. Tendo isso em vista, pode-se considerar que as igrejas eram um dos elementos principais para a consolidação da sociedade que se estabelecia na vila.

Como exemplo disso, duas igrejas também merecem destaque: a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e a Igreja de Nossa Senhora do Livramento dos Homens Pardos, porque serviram como locais de convivência para pessoas negras e escravizadas, e ainda agiam como uma forma de esses povos resgatarem a sua humanidade e viverem a esperança de dias melhores. Ademais, de acordo com Chitunda (2014), essas irmandades também possuíam grande importância na requisição de alforrias, na autonomia administrativa de bens, nas representações culturais e nas disputas hierárquicas desses sujeitos. Portanto, essas igrejas e suas irmandades constituíram uma forma muito interessante de sobrevivência, atrelada à sua condição jurídica e ao grupo étnico dos seus fiéis.

As igrejas e a religião conseguiram compor o cotidiano das pessoas e, conseqüentemente, fazer parte dos fragmentos de memória dessas pessoas em relação à vila. As festividades, as procissões, o soar dos sinos, tudo isso constituía o dia a dia dos recifenses, além de promover uma maior socialização entre os moradores das freguesias.

De fato, nesse século XIX, quando a ciência se arrogava a missão de pôr abaixo valores, crenças e dogmas religiosos, era o sagrado, e não a ciência, ou os postulados de uma filosofia secular, que fornecia a linguagem básica para a organização social e a expressão pública da cidade. Noutras palavras, a religião podia ser concebida como uma mediação válida na organização coletiva. Isso está sugerido na primeira imagem visual da cidade do Recife, na forte presença com que a religião impregnou sua paisagem material⁵.

Afora essas festividades e procissões promovidas pelas irmandades, que *propiciavam* um grande contato entre as pessoas, os pátios dispostos na frente das igrejas também possuíam um papel importantíssimo na promoção da sociabilidade, *pois eram* locais de passagem e de convívio social no meio urbano, além de conferir um caráter de monumentalidade às igrejas.

Essas construções demonstraram a dominância do catolicismo na cultura local e a influência que este exercia na vila⁶, além de também demonstrarem o grande poder das irmandades e confrarias da época. Portanto, foi a partir dos esforços dessas irmandades que várias igrejas puderam ser construídas e passaram a fazer parte da vida dos moradores do Recife.

⁵ ARAIS, Raimundo. **Matriz, freguesia, procissões**: o sagrado e o profano nos delineamentos do espaço público no Recife do século XIX. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 24, 2002, p. 169. grifo nosso.

⁶ MOREIRA, Fernando Diniz et al. **Recife**: cinco séculos de cidade e arquitetura. Recife: Cepe, 2022, p. 87

2 *AZYLUS CIRCUM ECCLESIAM*: O LUGAR COMUM ENTRE OS VIVOS E OS MORTOS

No livro *História da morte no Ocidente*, o historiador francês Philippe Ariès traça um panorama abrangente sobre as transformações das concepções de morte ao longo do tempo. Inicialmente, ao analisar sociedades antigas, o autor destaca a relevância da arqueologia funerária como ferramenta fundamental para compreender como essas sociedades lidavam com a morte. A partir da análise da cultura material deixada por essas civilizações, Ariès observa a existência de uma nítida separação entre o mundo dos vivos e o dos mortos; como exemplo, menciona a cidade de Roma, onde legislações como a Lei das Doze Tábuas e o Código Teodosiano estabeleciam explicitamente a proibição de sepultamentos dentro dos limites urbanos.

Em contrapartida, essa perspectiva vai se modificando e o abismo entre esses dois mundos vai diminuindo progressivamente, a tal ponto que, no medievo, praticamente não havia mais separação entre os lugares em que os mortos jaziam e os que os vivos frequentavam. Isso ocorre porque, segundo o historiador medievalista Marcelo Cândido da Silva, por meio das normas, dogmas e ritos, a Igreja forjou alguns dos principais traços das sociedades europeias, possuindo ritos que marcaram as etapas da vida e da morte de um indivíduo⁷. A importância da Igreja pode ser percebida, visto que, diante do sacramento do batismo, o indivíduo (criança ou adulto) era inserido, voluntariamente ou não, em uma relação artificial de parentesco entre os demais batizados e a comunidade (a Igreja), e aqueles que não compunham essa instituição eram excluídos e, às vezes, perseguidos.

No entanto, essa transformação atrelada aos enterramentos teve início com o falecimento de um dos primeiros bispos do Reino da França, chamado Saint Vaast. Quando ele faleceu, desejou ser enterrado fora dos limites da cidade, mas, ao tentarem transferir seu corpo, ele ficou tão pesado a ponto de o arcebispo ordenar que o corpo permanecesse lá. De acordo com Ariès:

A separação entre a abadia cemiterial e a igreja catedral foi então apagada. Os mortos, já misturados com os habitantes dos bairros populares da periferia, que se haviam desenvolvido em torno das abadias, penetravam também no coração histórico das cidades. A partir desse momento não houve mais diferença entre igreja e cemitério. (ARIES, 2003, p. 43, grifo nosso)

A morte se torna algo tão comum e próximo que até a decoração das igrejas começa a ser feita com restos mortais, mais especificamente, com ossos humanos. De acordo com

⁷ SILVA, 2005, p. 81-82.

Ariès, na igreja dos Capuchinhos ou na igreja *Santa Maria dell’Orazione e della Morte*⁸, pode-se perceber lustres e enfeites fabricados com pequenos ossos⁹. A igreja agora era um asilo para os mortos: *azylus circum ecclesiam*.

Figura 1: Lustre da igreja Santa Maria dell’Orazione e della Morte feito com ossos humanos



Fonte: THE ALTERNATIVE GUIDE. *Santa Maria dell’Orazione e Morte*. Disponível em: <https://thealternativeguide.com/santa-maria-dellorazione-e-morte>. Acesso em: 29 jul. 2025.

2.1 NA SAÚDE E NA DOENÇA, ATÉ QUE A MORTE OS SEPARE: O PAPEL DAS IRMANDADES LEIGAS

Contudo, essa proximidade entre os vivos e os mortos, descrita anteriormente, não tem início a partir da finitude da vida; na verdade, a familiaridade com a morte é muito presente nas sociedades tradicionais brasileiras¹⁰ entre os séculos XVII e XIX. A morte se torna uma pauta importante da existência das pessoas, não porque é um estágio natural do envelhecimento humano, mas porque, para se alcançar o Reino dos Céus, é preciso preparar o terreno divino enquanto ainda está vivo.

⁸ Igreja construída no século XVI e reformada no século XVIII, localizada na cidade de Roma (Itália).

⁹ ARIÈS, 2003, p. 46

¹⁰ E europeias a partir do século V.

Contrariamente à realidade contemporânea, em que a morte é profundamente temida, o medo atrelado ao falecimento, na verdade, está relacionado ao medo de não se preparar para ele. De acordo com o historiador brasileiro João José Reis:

Não é que a morte e os mortos não inspirassem medo. Temia-se, e muito, a morte sem aviso, sem preparação, a morte repentina, trágica, pestífera e sobretudo sem funeral e sepultura adequados. Tal como se temiam os mortos que assim morriam. Mas desde que os vivos cuidassem bem de seus mortos, enterrando-os segundo os ritos adequados, eles não representariam perigo espiritual ou físico especial. Tais ritos eram vivenciados por vivos e mortos de maneira a marcar com ênfase a passagem para o outro mundo. (REIS, 1991, p. 101, grifo nosso)

Reis (1991) reitera que esse temor de morrer desamparado era um elo entre as culturas ibéricas e africanas, visto que ambas as culturas se importavam muito com esses rituais de despedida, como a preparação do corpo e o amortalhamento, por exemplo. Amparar o defunto era uma forma de salvar a alma daquele que morreu, mas também de ajudar a vida dos que ficaram; afinal, acreditava-se que as almas desamparadas ficavam perdidas, vagando pelo mundo terreno e, muitas vezes, buscando vingança. Acrescenta-se que as pessoas também esperavam que aquela alma intercedesse por aqueles que ainda estavam em vida.

No Brasil, esse rito de passagem contava com o apoio de irmandades leigas que, de acordo com João José Reis (1991, p. 68), podem ser definidas como associações corporativas, de ajuda mútua, no interior das quais se teciam solidariedades fundadas nas hierarquias sociais do mundo. Elas surgem no medievo, mais especificamente no século V, e são importantíssimas, pois, de acordo com Marcos Antonio de Almeida (2019, p. 8), comportam duas dimensões: elas são agentes religiosos e políticos ao mesmo tempo.

Essas irmandades eram reguladas por uma mesa presidida por vários membros da sociedade, eleitos por votação, que administravam seu funcionamento e, por conseguinte, organizavam a sociedade por meio de suas práticas socio-religiosas.

Entre os deveres estavam o bom comportamento e a devoção católica, o pagamento de anuidades, a participação nas cerimônias civis e religiosas da irmandade. Em troca, os irmãos tinham acesso à assistência médica e jurídica, ao socorro em momentos de crise financeira, em alguns casos empréstimo para a compra de alforria e, muito especialmente, direito a enterro decente para si e membros da sua família, com acompanhamento de irmãos e irmãs da confraria, e sepultura na capela da irmandade. (REIS, 1991, p. 67-68).

Através dessa descrição feita por Reis, compreende-se a dualidade das irmandades, que uniam as dimensões política e religiosa. Somado a isso, a citação também evidencia o

papel assistencialista dessas irmandades: elas cuidavam dos seus irmãos e irmãs na saúde, na doença, na riqueza, na pobreza, na vida e na morte.

Como havia esse grande medo da morte repentina, sem avisos prévios, as pessoas desejavam se aprontar para a morte. Essa preparação poderia acontecer em momentos de plena saúde, ao fazer testamentos, por exemplo, mas também ocorria de forma quase emergencial, quando algum membro da irmandade se encontrava enfermo e almejava adentrar o Reino dos Céus.

Nesses casos de emergência, a Igreja Católica, em conjunto com as irmandades, disseminava um discurso sobre como poderia ser a salvação por meio de uma “boa morte”, enfatizando a importância das cerimônias funerárias para a transição da vida para o além-vida (ABREU, 1997).

A sociedade católica dos núcleos urbanos açucareiros acreditava que somente cumprindo as etapas da ritualística religiosa garantiria a salvação da alma, por isso, buscava nas irmandades a certeza do ‘bem morrer’. Os ritos fúnebres eram um momento dos mais importantes para os confrades, tanto que vários títulos e constituições dos compromissos eram dedicados a esse tema e a realização dos sufrágios considerada indispensável (SAMPAIO, 2009, p. 76).

A passagem de Sampaio (2009) serve para exemplificar a forma como a sociedade da época via a morte e o quanto esses ritos fúnebres eram importantes para as pessoas, já que era por meio deles que o enfermo iria ou não para a sua salvação.

2.2 A REFORMA CEMITERIAL: UM MURO ENTRE OS MUNDOS

Esse costume de buscar aproximar os vivos dos mortos começou a ser visto como um problema de saúde pública, e vários médicos higienistas se propuseram a combater essa prática. De acordo com Sial¹¹, pesquisas sobre a teoria de infecção do ar atmosférico pelos miasmas começaram a ganhar força no século XVIII¹² e tinham o intuito de divulgar as ameaças que esse contato com os mortos (nesse caso, com os miasmas) poderia causar.

Os médicos higienistas e as elites, que aderiram à ideologia da higiene’, buscaram a todo custo trazer os ‘ares da civilização’¹³ para o Brasil, não importando que consequências essas mudanças pudessem provocar sob o modo de vida das camadas populares. Dentre as medidas adotadas ao longo do século XIX são exemplos: [...] a proibição dos sepultamentos nas igrejas, considerados frutos da ‘ vaidade humana’ e da ‘ignorância no perigo das

¹¹ SIAL, 2005.

¹² Principalmente pelas escolas francesas.

¹³ Importante lembrar que nessa época o Império do Brasil sofria grande influência do ideal positivista, proposto pelo filósofo Auguste Comte, que pregavam pelo progresso para atingir um modelo de sociedade considerada civilizada.

emanações miasmáticas'; a diminuição ao máximo do tempo entre o velório e a inumação do cadáver em cemitério salubre, arejado e distante do espaço citadino; a disciplinarização dos cortejos fúnebres e a 'poluição sonora' dos toques e repiques dos sinos e a instituição da Medicina Legal no Brasil, para diagnosticar possíveis surtos epidêmicos e auxiliar a política nas investigações criminais¹⁴.

Em consequência dessa reforma cemiterial, a Europa proibiu os enterramentos intramuros e começou a construir cemitérios públicos extramuros¹⁵. No Império do Brasil, essa prática só começou a ser questionada na década de 1840, e a reforma cemiterial só se tornou efetiva na década de 1850, após uma epidemia de febre amarela e cólera que levou a óbito parte da população, o que demonstra que esse processo de laicização da morte foi lento e gradual.

Por fim, cemitérios públicos começaram a ser construídos seguindo as recomendações dos médicos higienistas e, conseqüentemente, fazendo com que a memória dos enterramentos em igrejas começasse a ser esquecida. No entanto, esta pesquisa compreende o período que antecede a reforma cemiterial no Brasil; nesse caso, os enterramentos ainda aconteciam em cemitérios intramuros.

¹⁴ SIAL, Vanessa de Castro: **Das igrejas ao cemitério**: políticas públicas sobre a morte no Recife do século XIX. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP, 2005, p. 22

¹⁵ Fora dos limites das povoações, local alto, arejado e propício a circulação dos ares, longe dos lençóis de água, resguardado por muros, corpos enterrados em covas separadas e com administração e inspeção responsáveis por autoridades públicas (não mais por cargos eclesiásticos).

3.0 UM PANORAMA DOS ÓBITOS DA FREGUESIA DE SANTO ANTÔNIO

3.1 REGISTROS PAROQUIAIS

No *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, os registros paroquiais são geralmente os registos de *baptizados*, casamentos e óbitos elaborados pelos párocos em livros próprios, na sequência de cerimônias religiosas relacionadas com os actos em causa¹⁶. Essas fontes primárias são grandes livros manuscritos, que ficavam sob a responsabilidade de alguma autoridade da Igreja e buscavam reunir informações relativas aos ritos de batismo, de matrimônio e de óbito, detalhando algumas questões que permitem análises demográficas, religiosas e culturais acerca da sociedade da época.

Os registros paroquiais são uma fonte relevante que vem sendo utilizada em diferentes pesquisas desenvolvidas nacionalmente. Em Pernambuco, o historiador Gian Carlo de Melo Silva produziu sua dissertação, intitulada *Um só corpo, uma só carne: casamento, cotidiano e mestiçagem no Recife colonial, 1790–1800*, utilizando os assentos matrimoniais como fonte historiográfica para produzir um estudo acerca do casamento, do cotidiano e, sobretudo, da mestiçagem no Recife setecentista. Além disso, ele utilizou os assentos batismais como fonte para a produção da sua tese, intitulada *Na cor da pele, o negro: conceitos, regras, compadrio e sociedade escravista na Vila do Recife (1790–1810)*, para continuar seus estudos acerca da mestiçagem.

Outros historiadores, como Juliana da Cunha Sampaio (2009), Janaína dos Santos Bezerra (2010), Raquel Cristiane Muniz Florêncio (2011) e Welber Carlos Andrade da Silva (2012), também contribuíram para a consolidação de uma expressiva historiografia pernambucana dedicada ao estudo das irmandades leigas, recorrendo aos diversos registros paroquiais como fontes historiográficas, tanto auxiliares quanto centrais. Esses pesquisadores concentraram suas análises em igrejas da freguesia de Santo Antônio, desenvolvendo estudos sobre as irmandades do Rosário dos Homens Pretos, do Livramento dos Homens Pardos e do Santíssimo Sacramento. Suas investigações aprofundaram questões relacionadas a gênero e etnia, cotidiano, formas de sociabilidade, lutas por inclusão social, vida e morte, bem como as relações de poder estabelecidas nesse contexto. Embora a pesquisa aqui desenvolvida não tenha como foco principal as irmandades leigas, o exame de suas práticas e atuações

¹⁶ REGISTOS paroquiais. *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa, v. P–V, p. 99–101, 2000. Disponível em: <https://portal.cehr.ft.lisboa.ucp.pt/Enciclopedia/artigo/Registosparoquiais%20PT>. Acesso em: 8 jan. 2026.

mostra-se fundamental para a compreensão da ritualística associada às práticas mortuárias e do papel desempenhado por essas associações no âmbito da freguesia.

Os registros paroquiais utilizados aqui encontravam-se reunidos na Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio e eram provenientes de todas as igrejas da freguesia. Tais registros compreendiam assentos de batismo, matrimônio e óbito. Conforme aponta Silva (2012a), esses documentos estavam sob a responsabilidade da Matriz do Santíssimo Sacramento, à qual cabia receber os registros das demais instituições paroquiais e proceder às anotações conforme determinavam as Constituições, sendo posteriormente submetidos à fiscalização das autoridades eclesiásticas.

Para esta pesquisa, serão utilizados os livros de óbito que, em cada assento, *reúnem* informações como idade, sexo biológico, local de sepultamento, mortalha utilizada, entre outras informações. De acordo com as *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, existe uma maneira específica de escrever os registros de óbito, cuja forma deveria ser utilizada por todos os párocos.

Aos tantos (2) dias de tal mez, e de tal anno falleceo da vida presente N. Sacerdote Diacono ou Subdiacono; ou N. marido, ou mulher de N. ou viuvo ou viuva de N., ou filho, ou filha de N., de lugar N., freguez desta ou de tal Igreja, ou forasteiro, de idade de tantos annos, (se commodamente se puder saber) com todos, ou tal Sacramento, ou sem elles: foi sepultado nesta, ou em tal Igreja: fez testamento, em que deixou se sissessem tantas Missas por sua alma, e que se fizessem tantos Officios, ou morreo ab intestato¹⁷, ou era notoriamente pobre, e por tanto se lhe fez o enterro sem lhe levar esmola¹⁸.

Mesmo havendo uma forma ideal de se produzir esses assentos, isso não significa que eles eram padronizados em todas as províncias, sendo esse o caso dos registros paroquiais de óbito da cidade de Mariana, em Minas Gerais, que, segundo Ferreira (2023), não possuíam o detalhamento das vestimentas usadas pelos defuntos¹⁹. No caso da freguesia de Santo Antônio, localizada no Recife, os assentos de óbito fornecem as seguintes informações: nome, qualidade, condição jurídica²⁰, quais sacramentos foram administrados àquela pessoa, filiação, estado civil, faixa etária, data do óbito, local do sepultamento e mortalha utilizada.

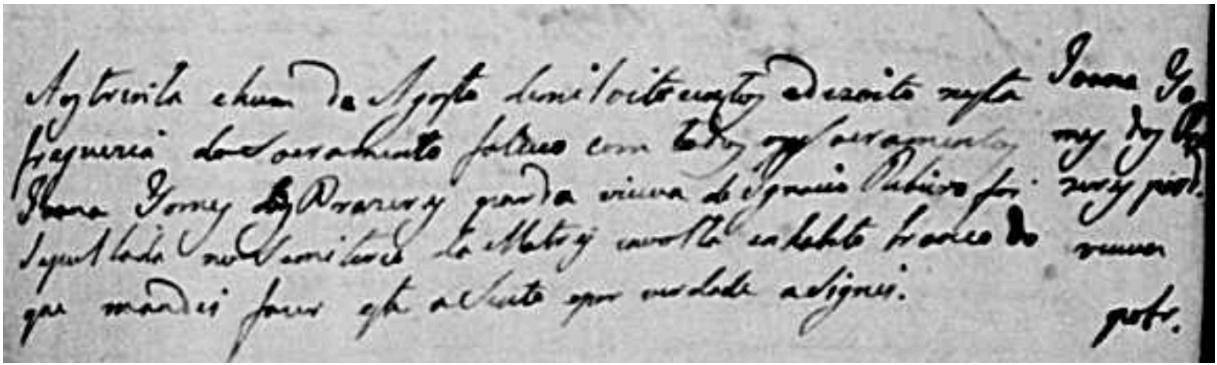
Imagem 2 - Assento de óbito da Freguesia de Santo Antônio (1818)

¹⁷ Sem testamento

¹⁸ DA VIDE, 1853, livro IV, título XLIX

¹⁹ FERREIRA, Karina Aparecida de Lourdes. A escolha de mortalhas fúnebres em Mariana (1748-1848). *Revista Aedos, [S. l.]*, v. 14, n. 32, 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/100438>. Acesso em: 6 jan. 2026.

²⁰ Não aparece em todos.



Fonte: Livro de óbitos, Matriz do Santíssimo Sacramento (1818-1826)

“Aos trinta e um de agosto de mil oitocentos e dezoito nesta freguesia do Sacramento faleceu com todos os Sacramentos Joana Gomes dos Prazeres parda viúva de Ignacio Ribeiro foi sepultada no Cemitério da Matriz envolta em hábito branco de que mandei fazer este assento e por verdade assignei.

Lateral esquerda: Joana Gomes dos parda viúva.”

De modo mais específico, a análise dos assentos de óbito da freguesia de Santo Antônio, no início do século XIX, revela que a maioria desses registros contém dados que, quando examinados de forma conjunta, possibilitam a construção de um panorama significativo acerca da experiência da morte no Recife oitocentista. Esses assentos permitem extrair informações sobre as igrejas e irmandades às quais pessoas pretas e pardas mais se vinculavam, as mortalhas mais recorrentes, as distinções entre os enterramentos de adultos e de crianças, além da identificação de grupos cujos rituais fúnebres apresentavam características semelhantes.

Desse modo, a partir das informações registradas nesses documentos, pode-se fazer uma espécie de “retrato” da sociedade e compreender o grau de inserção da religiosidade no cotidiano dos indivíduos, bem como sua expressiva importância diante da iminência da morte. Os assentos estudados estavam disponíveis em domínio público, no site *FamilySearch*; contudo, eles foram tirados do ar, sendo possível analisar apenas o ano de 1818, com um total de 535 assentos de óbito.

3.2 ANALISANDO OS ASSENTOS E DESCOBRINDO SÉRIES E VESTÍGIOS

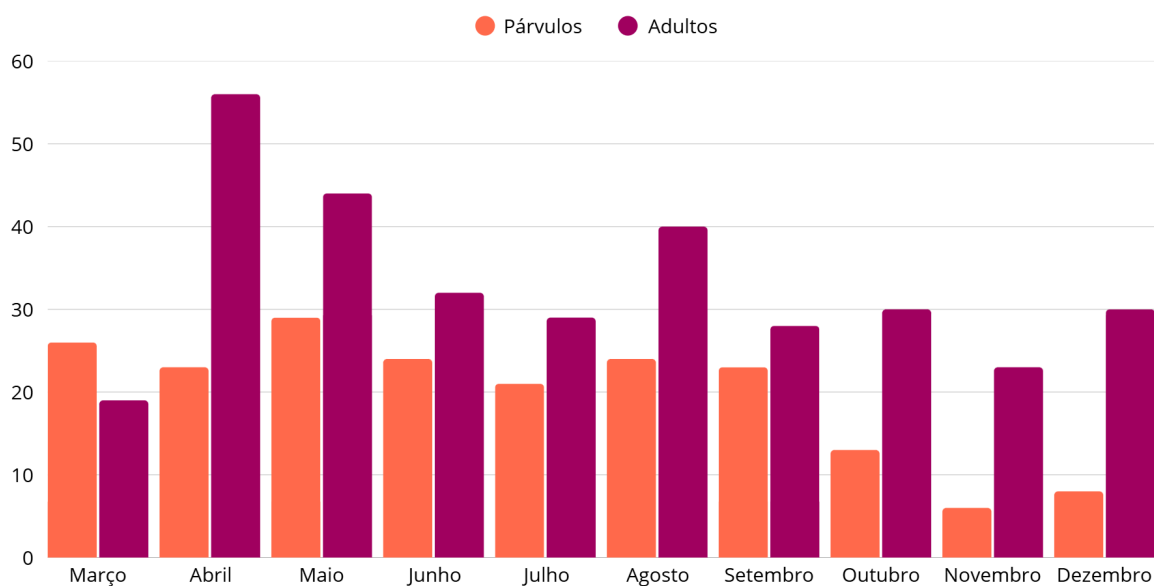
O objetivo desta seção é examinar, de maneira aprofundada, o livro de óbitos da freguesia de Santo Antônio, abrangendo o período entre 1818 e 1826, tomando essa documentação como uma fonte privilegiada para a análise da população local. A investigação concentra-se nas relações estabelecidas entre sexo biológico, grupo étnico, qualidade e condição jurídica dos indivíduos registrados, bem como em outros dados relevantes, como local de sepultamento e amortalhamento. A partir do cruzamento dessas informações, busca-se construir um estudo de caráter demográfico e religioso que possibilite identificar padrões de mortalidade, práticas funerárias e formas de distinção social no interior da freguesia. Dessa forma, pretende-se compreender de que modo as hierarquias sociais e as normas religiosas influenciaram os registros de óbito e as experiências da morte entre os fregueses de Santo Antônio ao longo do período analisado.

3.2.1 Enterramentos de párvulos e adultos

Com base na análise do livro de óbitos da freguesia de Santo Antônio, torna-se possível aprofundar a compreensão das práticas funerárias adotadas pela comunidade local, especialmente no que diz respeito às distinções estabelecidas entre os enterramentos de párvulos e de adultos. A documentação paroquial revela que a idade dos falecidos constituía um critério fundamental na organização dos ritos mortuários, influenciando tanto o registro dos óbitos quanto os locais de sepultamento e as cerimônias associadas ao ato de enterrar. Nesse sentido, o exame comparativo dos enterramentos de crianças e adultos permite identificar diferenças e continuidades nas práticas religiosas, bem como nas representações sociais da morte e da salvação das almas.

Assim, este tópico tem como objetivo analisar de que maneira a freguesia de Santo Antônio tratou os enterramentos de párvulos e adultos no período de 1818 a 1826, evidenciando possíveis hierarquias, valores religiosos e dinâmicas sociais que atravessaram essas experiências distintas da morte.

Gráfico 1 - Párvulos (crianças) e adultos que vieram a óbito nos meses de 1818



Fonte: Assentos de óbito das igrejas que compunham a Freguesia do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio (c. 1818 - c. 1826). Elaborado pela autora (2026).

Tabela 2 - Números e porcentagem relativos aos óbitos ao longo dos meses de 1818 na freguesia de Santo Antônio

Meses	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	Total	Total %
Quantidade de meninas	14	10	12	13	9	11	7	5	3	3	87	16,26%
Quantidade de meninos	12	13	17	11	12	13	16	8	3	5	110	20,56%
Quantidade de óbitos de párvulos	26	23	29	24	21	24	23	13	6	8	197	36,82%

Meses	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	Total	Total %
Mulheres	10	24	22	17	15	22	11	17	18	16	172	32,15%
Homens	9	32	22	15	14	18	17	13	5	14	159	29,72%
Quantidade de óbitos de adultos	19	56	44	32	29	40	28	30	23	30	331	61,87%

Fonte: Assentos de óbito das igrejas que compunham a Freguesia do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio (c. 1818 - c. 1826). Elaborado pela autora (2026).

Tabela 3 - Percentagens relativas aos óbitos ao longo dos meses de 1818 na freguesia de Santo Antônio.

Sexo	Párvulos	%	Adultos	%
Feminino	87	44,16	172	51,96
Masculino	110	55,83	159	48,03
Total (considerando 100%)	197	100%	331	100%

Fonte: Assentos de óbito das igrejas que compunham a Freguesia do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio (c. 1818 - c. 1826). Elaborado pela autora (2026).

A partir da análise do Gráfico 1 e da Tabela 2, não apenas a distribuição dos óbitos ao longo dos meses pode ser observada, mas também aspectos mais amplos da mortalidade, como sua relação com o sexo biológico e as diferentes faixas etárias. Esses dados permitem compreender de forma mais aprofundada o perfil demográfico das mortes registradas, evidenciando padrões e desigualdades que atravessavam a sociedade no período analisado. Nesse sentido, a documentação revela que, no ano de 1818, o maior número de óbitos concentrou-se entre mulheres adultas, enquanto a menor incidência de mortalidade foi registrada entre crianças do sexo feminino, o que aponta para dinâmicas específicas relacionadas tanto às condições de vida quanto às práticas sociais e médicas da época.

De maneira geral, observa-se que os indivíduos adultos constituem a maioria dos falecimentos registrados neste ano, correspondendo a 61,87% do total de óbitos. Esse dado sugere que, embora a mortalidade infantil fosse um fenômeno recorrente no início do século XIX, a população adulta também estava fortemente exposta a fatores de risco, como doenças endêmicas, epidêmicas e nutricionais²¹, condições precárias de higiene e a limitação dos

²¹ Epidêmico: Febre Amarela, Varíola e Cólera.

Endêmico: Tétano, tuberculose, sarampo, febre tifoide, infecções por parasitas, doenças da pele (sarna), enfermidades venéreas (sífilis), febres, boubas, difteria, coqueluche e lepra.

Nutricional: Raquitismo (falta de vitamina D), Beribéri (falta de vitamina B1), Pelagra e escorbuto (falta de vitamina C). (MIRANDA, apud SANTOS, Bárbara Barbosa dos; MELO JÚNIOR, Jonas Clevison Pereira de. Saberes e práticas da medicina sobre a escravidão no Recife na primeira metade do século XIX. In: GARCIA, Ana Karine Martins; GOMES, Elane Cristina Rodrigues; SULIMAN, Sara da Silva; MELO JÚNIOR, Jonas Clevison Pereira de; COSTA, Ejhon Lucas Dias; SOUSA, Vanessa Barbosa Araujo de (org.). *História das práticas da saúde e das doenças: ciência, medicina e profissões da saúde*. Porto Alegre: Editora Fi, 2022. p. 79–107.

recursos terapêuticos disponíveis. As crianças, por sua vez, representam 36,82% das mortes, percentual ainda significativo e indicativo da vulnerabilidade dessa faixa etária frente às enfermidades e às adversidades do cotidiano.

Além disso, a análise quantitativa revela lacunas nos registros, uma vez que 1,32% dos óbitos não apresentam informações suficientes para a identificação do sexo ou da idade dos indivíduos. Tais ausências decorrem, em grande medida, dos limites inerentes às fontes históricas utilizadas, uma vez que a escrita dos assentos selecionados encontra-se, em diversos casos, de difícil leitura. O borramento provocado pela tinta, bem como a ação do tempo, que ocasionou o desgaste e a deterioração de algumas páginas, comprometeu parcialmente a legibilidade dos registros. Ainda assim, os assentos analisados seguem, em sua quase totalidade, os padrões estabelecidos pelas Constituições do Arcebispado da Bahia.

Desse modo, apesar das dificuldades materiais e paleográficas, os dados disponíveis permitem a elaboração de um panorama consistente da mortalidade em 1818, contribuindo de forma significativa para a compreensão das condições de vida, das práticas religiosas e administrativas e da organização social da população inserida naquele contexto histórico.

Tabela 4 - Relação do sexo biológico e local de sepultamento das pessoas não escravizadas (podendo ser livres ou libertas)

Mulher			Homem		
Local de sepultamento	Qnt.	Qnt.%	Local de sepultamento	Qt	Qnt.%
Matriz	18	10,71%	Matriz	54	35,53%
Rosário	24	14,29%	Rosário	23	15,13%
Livramento	27	16,07%	Livramento	15	9,87%
Martírios	23	13,69%	Martírios	6	3,95%
Santa Rita	5	2,98%	Santa Rita	4	2,63%
São José	15	8,93%	São José	11	7,24%
Terço	15	8,93%	Terço	11	7,24%
Carmo	11	6,55%	Carmo	4	2,63%
São Francisco	12	7,14%	São Francisco	7	4,61%
São Benedito	5	2,98%	São Benedito	2	1,32%
São Pedro	1	0,60%	São Pedro	1	0,66%
Penha	3	1,79%	Penha	2	1,32%
Hospital	6	3,57%	Hospital	9	5,92%

Hospício da Penha	1	0,60%	Hospício da Penha	2	1,32%
Rosário da Boa Vista	2	1,19%	Rosário da Boa Vista	1	0,66%
Total	168	100%	Total	152	100%

Fonte: Assentos de óbito das igrejas que compunham a Freguesia do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio (c. 1818 - c. 1826). Elaborado pela autora (2026).

Tabela 5 - Relação do sexo biológico e mortalha das pessoas não escravizadas (podendo ser livres ou libertas)

Mulher			Homem		
Mortalha	Qnt.	Qnt.%	Mortalha	Qnt.	Qnt.%
Hábito branco	90	29,22%	Hábito branco	114	37,01%
Hábito Franciscano	19	6,17%	Hábito franciscano	22	7,14%
Preto com capa branca	29	9,42%	Preto com capa branca	3	0,97%
Nossa Senhora do Carmo	5	1,62%	Carmo	3	0,97%
Clérigos do Carmo	1	0,32%	Hábito dos religiosos da Penha	1	0,32%
Hábito Preto	10	3,25%	—	—	—
Conceição	3	0,97%	—	—	—
Hábito dos religiosos	2	0,65%	—	—	—
Soledade	3	0,97%	—	—	—
Roxo	3	0,97%	—	—	—
Total	165	53,57%	Total	143	46,43%

Fonte: Assentos de óbito das igrejas que compunham a Freguesia do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio (c. 1818 - c. 1826). Elaborado pela autora (2026).

A Tabela 3 demonstra que, enquanto a maior parte das mulheres (16,07%) foi sepultada no Livramento, a maior parte dos homens (35,53%) foi sepultada na Matriz. Também é possível observar sepultamentos de homens e mulheres em todas as igrejas da freguesia, em maior ou menor quantidade.

Em relação ao uso de mortalhas, demonstrado na Tabela 4, ambos os sexos utilizaram bastante o hábito branco, correspondendo a 37,01% dos homens e 29,22% das mulheres.

Observa-se, ainda, que algumas mortalhas são quase exclusivamente usadas por mulheres, como as de Soledade e de Conceição.

3.2.2 Enterramentos de escravizados

Também é possível estabelecer um recorte analítico a partir da condição jurídica dos moradores da freguesia, com especial atenção à presença de pessoas escravizadas nos registros paroquiais. Ao todo, foram identificados aproximadamente 76 assentos de óbitos de indivíduos cativos, número que deve ser compreendido como estimado, uma vez que as más condições de conservação de parte da documentação, como manchas, rasgos e apagamentos da escrita, inviabilizam a leitura integral de alguns registros e, conseqüentemente, a recuperação de todas as informações necessárias para uma quantificação precisa.

Apesar dessas limitações, os assentos disponíveis permitem vislumbrar aspectos importantes da experiência da escravidão no Recife, evidenciando a inserção dos cativos nas práticas religiosas e nos rituais fúnebres católicos. A identificação da condição jurídica nos registros, geralmente expressa pelo termo “escravo” ou pela menção direta ao nome do senhor, reforça a centralidade da escravidão na composição social da freguesia e revela como esses indivíduos eram formalmente reconhecidos pela Igreja, ainda que submetidos a uma condição de profunda subalternidade.

Tabela 6 - Relação entre categorias de origem e qualidade e o sexo biológico dos escravizados em Santo Antônio - 1818

Nações/ Qualidade	Mulher	Homem	Total	Total %
Angola	22	11	33	53,23%
Criola(o)	7	2	9	14,52%
Preta(o)	0	4	4	6,45%
Cabra	3	1	4	6,45%
Congo	1	1	2	3,23%
Benguela	0	1	1	1,61%
Moçambique	1	0	1	1,61%
Cabinda	0	1	1	1,61%
Jonga/Jongo	0	1	1	1,61%
Pardo	0	1	1	1,61%
Gentio da Costa	1	1	2	3,23%

Preta da Costa	1	1	2	3,23%
Calabá	1	0	1	1,61%
Total	37	25	62	100%

Fonte: Assentos de óbito das igrejas que compunham a Freguesia do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio (c. 1818 - c. 1826). Elaborado pela autora (2026).

Tabela 7 - Relação dos locais de sepultamento e do sexo biológico dos escravizados em Santo Antônio - 1818

Local de Sepultamento	Mulher	Homem	Total	Total %
Rosário	20	15	35	46,05%
Matriz	5	5	10	13,16%
Martírios	7	0	7	9,21%
São José	2	4	6	7,89%
Livramento	3	1	4	5,26%
Carmo	2	1	3	3,95%
Terço	2	1	3	3,95%
São Benedito	1	2	3	3,95%
Hospital	1	0	1	1,32%
Rosário da Boa Vista	1	0	1	1,32%
Santa Rita	1	0	1	1,32%
S. Francisco	0	2	2	2,63%
Total	45	31	76	100%

Fonte: Assentos de óbito das igrejas que compunham a Freguesia do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio (c. 1818 - c. 1826). Elaborado pela autora (2026).

Tabela 8 - Relação da mortalha com o sexo biológico dos escravizados em Santo Antônio - 1818

Mortalha	Mulher	Homem	Total	Total %
Hábito Branco	33	21	54	79,10%
Hábito Preto	3	0	3	4,48%
Hábito Preto com capa Branca	2	0	2	2,99%
Hábito Franciscano	0	3	3	4,48%

Hábito Roxo	1	0	1	1,49%
Sem identificação	3	1	4	5,97%
Total	42	25	67	100%

Fonte: Assentos de óbito das igrejas que compunham a Freguesia do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio (c. 1818 - c. 1826). Elaborado pela autora (2026).

De acordo com as tabelas apresentadas acima, ainda que haja discrepâncias nos quantitativos finais em razão das más condições da fonte, o dado que se mantém consistente na tabela 3 indica que as mulheres concentram a maior mortalidade, com uma média de 51,96%. Além disso, foram identificadas oito nações africanas distintas, entre as quais se destaca a nação Angola, responsável por 53,23% dos óbitos registrados entre homens e mulheres. Por fim, observa-se que a Igreja do Rosário dos Homens Pretos, assim como o uso do hábito branco, figuram como as escolhas predominantes nos enterramentos de indivíduos escravizados, tanto do sexo masculino quanto do feminino, na freguesia analisada.

A respeito da igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, que é o local de sepultamento que mais concentra os enterramentos de escravizados, destaca-se que ela é conhecida historicamente por ser uma igreja que buscava unir costumes católicos aos de religiões de matrizes africanas, tornando-se um ambiente de resistência e de construção do sentimento de pertencimento dessa parcela da população.

Além disso, observa-se que a maioria das pessoas pardas foi sepultada na Igreja de Nossa Senhora do Livramento dos Homens Pardos, cuja irmandade, conforme aponta Bezerra (2010), expressava em suas Constituições uma acentuada preocupação com a morte desamparada de seus irmãos.

No entanto, é fundamental mencionar o que Vanessa Sial (2005) denominou de “corpos insepultos”: corpos de pessoas pretas, possivelmente escravizadas, que não recebiam sepultamento digno. Esses corpos eram abandonados em áreas de mangue ou nas praias, sem qualquer tipo de cuidado, rito ou preparo prévio.

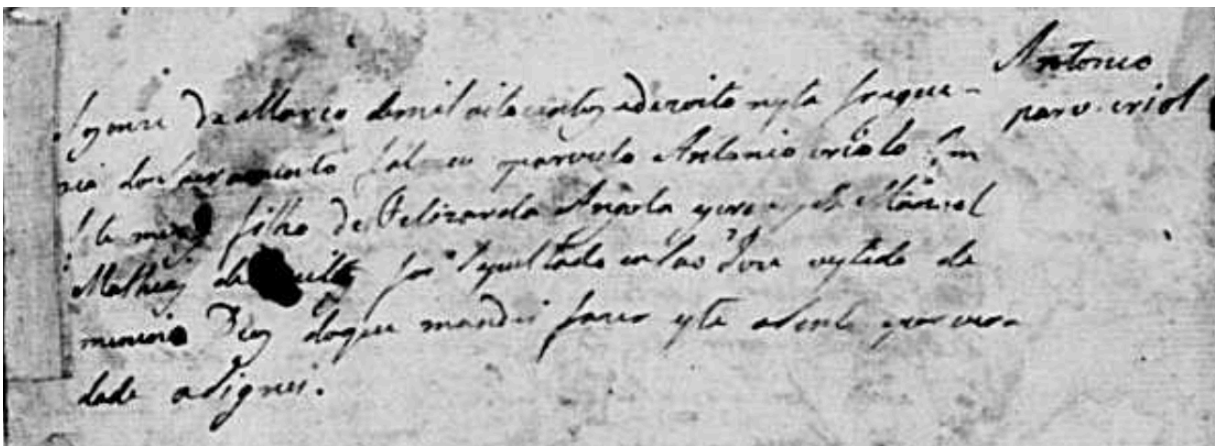
3.2.3 Enterramentos de crianças que nasceram como cativas

É igualmente possível realizar um recorte específico voltado às crianças que já nasceram como cativas, identificadas nos assentos pela menção direta à condição jurídica da mãe, o que automaticamente atribuía ao recém-nascido o status de cativo. Esses registros revelam que a escravidão se manifestava desde o nascimento, inserindo os indivíduos, ainda

na infância, em uma lógica de dependência e subordinação legal que os acompanharia ao longo da vida.

Nos assentos de óbitos, essas crianças aparecem, em geral, com informações bastante sucintas, limitadas à idade, muitas vezes expressa em dias, meses ou poucos anos. A identificação dessas crianças também evidencia a sua condição de cativas, devido à identificação do senhor ou da senhora a quem pertenciam, como se pode ver a partir da leitura da imagem abaixo, acompanhada de sua transcrição:

Imagem 3 - Assento de óbito de uma criança que nasceu na condição de cativa



Fonte: Livro de óbitos, Matriz do Santíssimo Sacramento (1818-1826)

Lateral esquerda: Aos onze de março de mil oitocentos e dezoito nesta freguesia do Sacramento faleceu párvulo Antoio crioulo com [ilegível] meses filho de Felizarda Angola escrava de Manoel Matheus de [ilegível] foi sepultado em São José vestido de menino Deus de que mandei fazer este assento e por verdade assinei.

Lateral direita: Antonio párvulo crioulo

Tabela 9 - Quantidade e qualidade de crianças que nasceram e faleceram na condição de cativas em Santo Antônio - 1818

Menina			Menino		
Qualidade	Qnt.	Qnt.%	Qualidade	Qnt.	Qnt.%
Criola	7	28%	Criolo	9	36%
Parda	3	12%	Pardo	4	16%
Preta	0	0%	Preto	1	4%

Cabra	0	0%	Cabra	1	4%
Total	10	40%	Total	15	60%

Fonte: Assentos de óbito das igrejas que compunham a Freguesia do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio (c. 1818 - c. 1826). Elaborado pela autora (2026).

Enquanto há uma quantidade aproximada de 76 escravizados adultos, identifica-se uma quantidade aproximada de 25 crianças que nasceram na condição de cativas, sendo 60% meninos e 40% meninas. Por fim, a qualidade predominante desses cativos é a de crioulos e criolas, com 28% das meninas e 39% dos meninos. Inclusive, vale salientar que a própria definição do termo “crioulo”, dada por Raphael Bluteau (1728) e Antônio Moraes e Silva (1789), já evidencia o nascimento dessas crianças atrelado à condição de cativos, visto que suas definições são:

1. Crioulo ou Creoulo: Escravo, que nasceu na casa do seu senhor²².
2. Criòulo: s. m, O escravo, que nasce em casa do senhor; o animal, cria, que nasce, e se cria em casa; não comprado: neste sentido é adjetivo(...)²³.

Entretanto, o historiador Gian Carlo de Melo Silva (2014) também apresenta outra perspectiva em sua tese, elucidando que alguns crioulos tiveram certa ascensão social, comprovada pelos livros de batismo, os quais mostram alguns crioulos sendo batizados e tendo afilhados de batismo.

Tabela 10 - Relação do sexo biológico e local de sepultamento de crianças que nasceram na condição de cativas em Santo Antônio - 1818

Menina			Menino		
Local de Sepultamento	Qnt.	Qnt.%	Local de Sepultamento	Qnt.	Qnt.%
Matriz	3	12%	Matriz	4	16%
Livramento	2	8%	Livramento	2	8%
Rosário	1	4%	Rosário	3	12%
São José	2	8%	São José	1	4%
Martírios	1	4%	Martírios	2	8%
São Francisco	1	4%	São Francisco	1	4%

²² BLUTEAU, 1712, p. 613.

²³ SILVA, 1813, p. 332

Santa Rita	0	0%	Santa Rita	1	4%
Carmo	0	0%	Carmo	1	4%
Total	10	40%	Total	15	60%

Fonte: Assentos de óbito das igrejas que compunham a Freguesia do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio (c. 1818 - c. 1826). Elaborado pela autora (2026).

Tabela 10 - Relação das mortalhas e do sexo biológico das crianças que nasceram na condição de cativas em Santo Antônio - 1818

Menina			Menino		
Local de Sepultamento	Qnt.	Qnt.%	Local de Sepultamento	Qnt.	Qnt.%
Hábito branco	4	17,39%	Hábito branco	1	4,35%
Hábito preto	1	4,35%	Hábito preto	1	4,35%
Carmo	1	4,35%	Carmo	0	0%
Clérigo	0	0%	Clérigo	10	43,48%
Conceição	3	13,04%	Conceição	0	0%
Freira	1	4,35%	Freira	0	0%
Menino Deus	0	0%	Menino Deus	1	4,35%
Total	10	43,48%	Total	13	56,52%

Fonte: Assentos de óbito das igrejas que compunham a Freguesia do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio (c. 1818 - c. 1826). Elaborado pela autora (2026).

Nas tabelas 9 e 10, analisou-se a relação entre o local de sepultamento, a mortalha, o sexo biológico e o grupo etário das crianças cativas que foram sepultadas. Diante disso, percebemos a grande adesão ao Cemitério da Matriz e o uso de hábitos brancos e da Conceição para as meninas, bem como mortalhas de Clérigo para os meninos.

Mantendo o recorte voltado às crianças, foram encontrados assentos de algumas que faleceram na Roda dos Expostos. A Roda foi um mecanismo instaurado em todas as possessões ultramarinas portuguesas, com o intuito de acolher os enjeitados. Segundo Almeida e Bezerra (2017), antes da criação das Rodas em Pernambuco, as crianças viviam (e morriam) em condições de extrema precariedade.

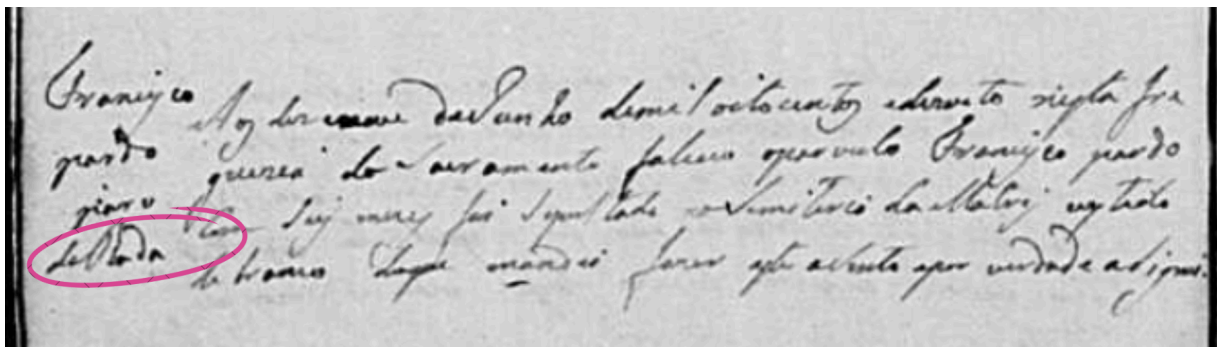
Segundo o relato, as crianças eram expostas nas portas das casas dos moradores, nas portas das igrejas ou em lugares sujos, algumas morrendo

atacadas por animais, inclusive sendo pisoteadas pelos animais de carga que viviam nas ruas. Morriam de fome, pela exposição aos elementos, ou ainda eram abandonadas nas praias para que se afogassem com a maré alta.²⁴

Ainda segundo Almeida e Bezerra (2017), a gravidade dessa situação foi tamanha que despertou a atenção do governador de Pernambuco, Manoel da Cunha e Menezes, que tratou do tema com o então secretário de Estado, Martinho de Melo e Castro. Com o objetivo de mitigar o problema, o governador sugeriu a utilização dos recursos deixados pelos jesuítas. Contudo, tais medidas mostraram-se insuficientes e, nos anos de 1779 e 1789, tornou-se necessária a construção de duas Rodas dos Expostos: a primeira em Olinda e a segunda no Recife.

Sendo assim, mesmo que a Roda funcionasse como um instrumento de assistência, ela não sanou por completo as dificuldades enfrentadas pelas crianças, o que possibilitou a identificação de um total de oito óbitos ocorridos na Roda dos Expostos, sendo cinco meninos e três meninas, entre pardos e brancos. A partir da análise das fontes, foi possível observar um padrão comum associado a esses casos: todas as crianças foram sepultadas no Cemitério da Matriz, envoltas em hábitos brancos. Diante disso, infere-se que, apesar das diferenças de sexo biológico e de qualidade, os sepultamentos seguiram o mesmo rito.

Imagem 3 - Assento de óbito de um párvulo que faleceu na Roda dos Expostos



Fonte: Livro de óbitos, Matriz do Santíssimo Sacramento (1818-1826)

Lateral direita: Aos dezanove de junho de mil oitocentos e dezoito nesta freguesia do Sacramento faleceu párvulo Francisco pardo com seis meses foi sepultado no Cemitério da Matriz vestido de branco de que mandei fazer este asento e por verdade asignei.”

Lateral esquerda:

Francisco pardo párvulo de Roda

²⁴ DE ALMEIDA; BEZERRA, p. 147-174, 2017.

3.2.4 Enterramentos de homens presos que morreram na Cadeia da Vila do Recife

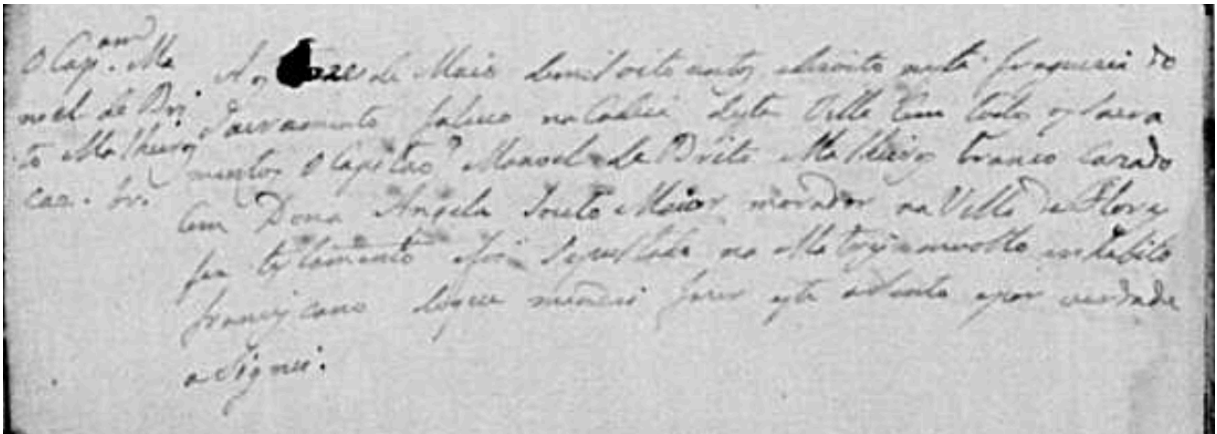
Também é possível estabelecer um recorte analítico voltado aos homens presos que faleceram no interior da Cadeia do Recife, cuja presença nos livros de óbitos da freguesia evidencia a articulação entre as instâncias civil, penal e religiosa. Esses indivíduos aparecem nos registros identificados por expressões como “preso”, “recluso” ou pela menção direta à morte ocorrida na cadeia, o que indica que, mesmo privados de liberdade, continuavam a integrar o universo paroquial e a ser formalmente reconhecidos pela Igreja no momento da morte.

Sua inclusão nos livros de óbitos da freguesia demonstra que, mesmo na condição de encarcerados, esses homens eram inseridos nos rituais católicos da morte, reforçando o papel da Igreja como mediadora simbólica entre a exclusão social e a necessidade de registro e ritualização do fim da vida. O historiador Welber Carlos Andrade da Silva (2012) observa, em sua dissertação, que as pessoas sepultadas na igreja Matriz não integravam, necessariamente, a Irmandade do Santíssimo Sacramento. De fato, foram identificados também enterramentos de pobres e de presos, que recebiam sepultura na Matriz em razão da assistência prestada pela irmandade aos necessitados da vila. No caso deste recorte, é necessário ressaltar que cabia especialmente à irmandade a obrigação de abrir sepulturas destinadas aos presos.

Diante dos 535 assentos transcritos e analisados, foram encontrados 41 assentos de homens que faleceram enquanto presos na Cadeia da Vila do Recife, possuindo uma característica em comum: com exceção de um, todos os demais foram sepultados no Cemitério da Matriz, vestindo hábito branco. A única exceção encontrada foi a do Capitão Manoel de Brito Malheiros, casado com Dona Angela Souto Maior. A conjectura feita a respeito dessa exceção diz respeito à sua provável condição financeira, visto que ele era um capitão e deixou testamento. Em seu inventário, consta que foram deixados dinheiro, objetos de ouro, prata e cobre, moinho de milho, gado vacum, ovelhuno e caprino, além do Sítio das Alagoas e uma casa²⁵.

Imagem 4 - Assento de óbito de um homem que faleceu na Cadeia da Vila do Recife

²⁵ **ENDANGERED ARCHIVES PROGRAMME.** *Inventário do capitão Manoel de Brito Malheiros; inventariante Angela Vieira da Cunha Souto Maior e outros documentos da Vila de Pombal (1778-1867)* [arquivo digital]. EAP853/3/2/1. Disponível em: <https://eap.bl.uk/archive-file/EAP853-3-2-1>. Acesso em: 12 jan. 2026.



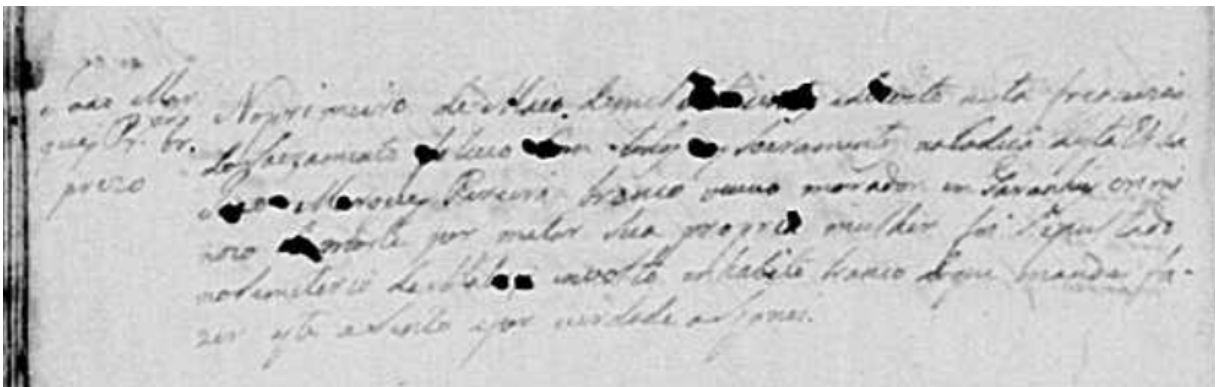
Fonte: Livro de óbitos, Matriz do Santíssimo Sacramento (1818-1826)

Lateral Direita: O capitão Manoel de Brito Malheiros casado branco

Lateral esquerda: Aos treze de Maio de mil oitocentos dezoito nesta freguesia do Sacramento faleceu na Cadeia desra Vila com todos os Sacramentos o Capitão Manoel de Brito Malheiros branco casado com Dona Angela Souto Maior morador na Vila de Flores fez testamento foi sepultado na Matriz envolto em hábito franciscano de que mandei fazer este asento e por verdade assinei.

Ademais, foram identificados assentos referentes a dois soldados e dois escravizados que se encontravam presos. De todos os registros encontrados, apenas um informava o motivo da prisão: o indivíduo havia assassinado a própria esposa e, em decorrência disso, foi detido.

Imagem 5 - Assento de óbito de um homem que foi preso por matar a sua própria esposa



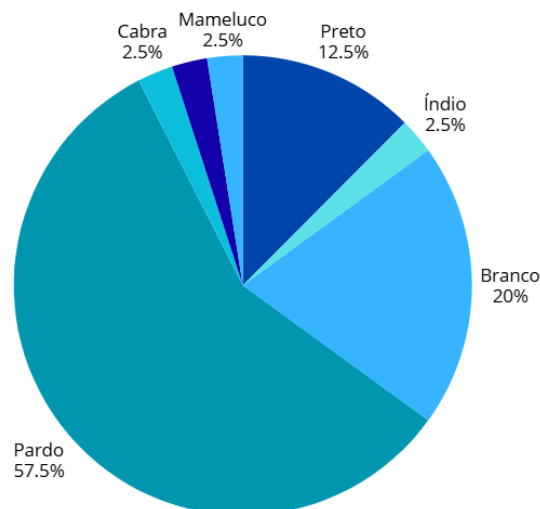
Fonte: Livro de óbitos, Matriz do Santíssimo Sacramento (1818-1826)

Lateral esquerda: João Marques Pereira branco preso

Lateral direita: No primeiro de maio de mil oitocentos dezoito nesta freguesia do Sacramento faleceu com todos os Sacramentos na Cadeia desta Vila João Marques Pereira branco viúvo morador em Garanhuns o motivo é morte por matar sua própria mulher foi sepultado no Cemitério da Matriz envolto em hábito branco de que mandei fazer este asento e por verdade assinei.”

Por fim, o gráfico abaixo revela a relação entre a qualidade dos homens que morreram na Cadeia da Vila do Recife, sendo, em sua maioria, homens pardos (57,5%), seguidos de homens brancos (20%) e, por fim, de homens pretos (12,5%).

Gráfico 1 - Qualidade dos homens que morreram na Cadeia da Vila do Recife



Fonte: Assentos de óbito das igrejas que compunham a Freguesia do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio (c. 1818 - c. 1826). Elaborado pela autora (2026).

3.2.5 Enterramentos de portugueses

Por fim, também foram observados 12 enterramentos de portugueses que faleceram em Santo Antônio, naturais das cidades de Lima, Ilha de São Miguel, Braga, Porto, Ilha da Madeira, Castelo de Abrantes e Lisboa. Dentre os locais com maior quantidade de enterramentos na freguesia, estão os cemitérios da Matriz e de São Francisco. Para além disso, a principal mortalha utilizada foi o hábito franciscano. João José Reis, em sua obra *A Morte é uma Festa*, destaca que essa mortalha é uma herança ibérica, razão pela qual tem grande adesão entre os portugueses.

Tabela 12 - Relação do sexo biológico e local de sepultamento mais utilizados por portugueses em Santo Antônio - 1818

Mulher			Homem		
Local de sepultamento	Qnt.	Qnt%	Local de sepultamento	Qnt.	Qnt%
Matriz	1	8,33%	Matriz	4	33,33%
São Francisco	0	0%	São Francisco	3	25%
Rosário	0	0%	Rosário	2	16,67%
Livramento	0	0%	Livramento	1	8,33%
Hospício da Penha	1	8,33%	Hospício da Penha	0	0%
Total	2	16,67%	Total	10	83,33%

Fonte: Assentos de óbito das igrejas que compunham a Freguesia do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio (c. 1818 - c. 1826). Elaborado pela autora (2026).

Tabela 13 - Relação entre o sexo biológico e as mortalhas utilizadas pelos portugueses em Santo Antônio - 1818

Mulheres			Homens		
Mortalha	Qnt.	Qnt%	Mortalha	Qnt.	Qnt%
Hábito Franciscano	1	8,33%	Hábito Franciscano	7	58,33%
Hábito branco	1	8,33%	Hábito branco	3	25%
Total	2	16,67%	Total	10	83,33%

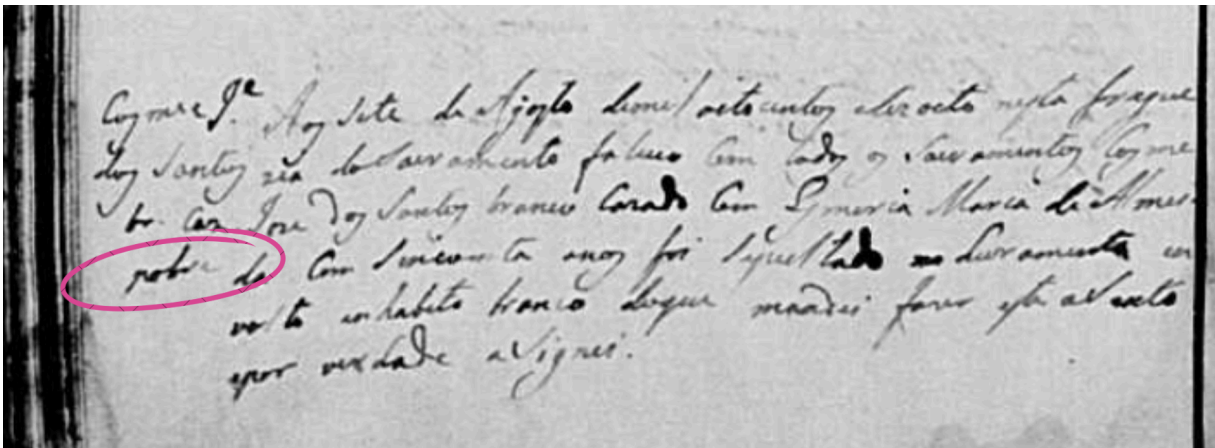
Fonte: Assentos de óbito das igrejas que compunham a Freguesia do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio (c. 1818 - c. 1826). Elaborado pela autora (2026).

3.2.6 Enterramentos de pessoas pobres

A morte das pessoas pobres no contexto urbano do Brasil oitocentista evidencia as profundas desigualdades sociais que atravessavam a vida, e também o morrer, desses indivíduos. Em geral, os pobres dispunham de recursos extremamente limitados para custear os rituais fúnebres considerados adequados pela Igreja Católica, como a aquisição de mortalha, a celebração de missas, o acompanhamento do corpo em procissão e o sepultamento em local consagrado. Nessas circunstâncias, o risco de uma morte desamparada, isto é, sem os ritos mínimos necessários à salvação da alma, constituía uma preocupação constante, tanto para os próprios fiéis quanto para a sociedade cristã de modo mais amplo.

Nesse cenário, as irmandades leigas desempenhavam um papel central no chamado auxílio funerário, atuando como importantes redes de amparo espiritual e material. Comprometidas com a prática da caridade e com a salvação das almas de seus membros, e em muitos casos, também de não irmãos reconhecidamente pobres, essas associações assumiam a responsabilidade de garantir os ritos fúnebres básicos, assegurando sepultamento cristão, fornecimento de mortalha, acompanhamento do enterro e a realização de sufrágios pela alma do falecido, como afirma João José Reis (1991). Tal assistência era compreendida como um dever religioso e moral, fundamentado na doutrina católica das boas obras e na crença na eficácia das orações para abreviar as penas do purgatório.

Imagem 6 - Assento de óbito de uma pessoa pobre



Fonte: Livro de óbitos, Matriz do Santíssimo Sacramento (1818-1826)

Lateral direita: Cosme José dos Santos branco casado pobre

Lateral esquerda: Aos sete de agosto de mil oitocentos e dezoito nesta fregue-

sia do Sacramento faleceu com todos os Sacramentos Cosme

José dos Santos branco casado com [?] Maria de Almei-

da com cinquenta anos foi sepultado no Livramento en-

volto em hábito branco de que mandei fazer este assento

e por verdade assinei.

Tabela 14 - Relação de qualidade dos assentos de óbitos de pessoas pobres em Santo Antônio - 1818

Qualidade	Qnt.	%
Pardo	2	18,18%
Angola	1	9,09%

Crioulo	4	36,36%
Branco	2	18,18%
Índio	1	9,09%
Não consta	1	9,09%
Total	11	100%

Fonte: Assentos de óbito das igrejas que compunham a Freguesia do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio (c. 1818 - c. 1826). Elaborado pela autora (2026).

Tabela 15 - Relação de Local de Sepultamento mais utilizados por pessoas pobres em Santo Antônio - 1818

Sepultamento	Qnt.	Qnt.%
Matriz	6	54,55%
Livramento	2	18,18%
Carmo	1	9,09%
São José	1	9,09%
Martírios	1	9,09%
—	—	—
Total	11	100%

Fonte: Assentos de óbito das igrejas que compunham a Freguesia do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio (c. 1818 - c. 1826). Elaborado pela autora (2026).

Tabela 16 - Relação de Mortalhas mais utilizadas por pessoas pobres em Santo Antônio - 1818

Mortalha	Qnt.	Qnt.%
Branco	9	81,82%
Preto com capa		
Branca	1	9,09%
Preto	1	9,09%
—	—	—
—	—	—
—	—	—
Total	11	100%

Fonte: Assentos de óbito das igrejas que compunham a Freguesia do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio (c. 1818 - c. 1826). Elaborado pela autora (2026).

Por fim, também foram encontrados 11 assentos de óbitos de pessoas pobres, sendo 4 do sexo masculino e 7 do sexo feminino. A tabela nos revela que os crioulos foram mais afetados. Ademais, a maior parte dos enterramentos foi realizada na Matriz, envoltos em hábito branco. Juliana Bezerra (2010) relata que a falta de recursos financeiros para o sepultamento era algo considerado normal. A historiadora aborda o cortejo fúnebre de uma mulher parda e pobre, que estava sendo levada envolta em um lençol, enquanto familiares e amigos saíam pelas ruas pedindo dinheiro para garantir que ela tivesse sepultura. Tal situação demonstra, de forma bastante clara, a preocupação com o bem-morrer intrínseca a sociedade setecentista e oitocentista.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o levantamento bibliográfico realizado anteriormente ao desenvolvimento desta pesquisa, constatou-se a escassez de estudos dedicados especificamente à análise da morte no Recife, sobretudo no que diz respeito à primeira metade do século XIX. Embora exista uma historiografia sólida e amplamente consolidada sobre o tema da morte em regiões como o Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia, em Pernambuco essa temática ainda se apresenta de forma periférica, aparecendo majoritariamente como elemento secundário em investigações mais amplas sobre religiosidade, escravidão ou práticas sociais. Diante desse cenário, este trabalho propôs-se a tomar a morte como eixo central da investigação, buscando compreender de que maneira os rituais fúnebres refletiam e, ao mesmo tempo, estruturavam as relações sociais no Recife oitocentista, a partir da análise sistemática dos registros de óbitos da freguesia do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio.

A escolha dessa freguesia mostrou-se particularmente relevante, uma vez que o bairro de Santo Antônio se configurava, e ainda se configura, como um dos espaços mais centrais e dinâmicos da vila do Recife. Tal centralidade se reflete na expressiva quantidade de assentos de óbitos, significativamente superior à de outras freguesias, que apresentavam registros mais escassos ao longo do mesmo período. O trabalho com essa documentação exigiu um esforço metodológico considerável, sobretudo em função das más condições de conservação do livro de óbitos, que dificultaram a leitura e a transcrição de diversos registros, ocasionando perdas pontuais de informações. Ainda assim, foi possível transcrever e analisar 535 assentos, número que permitiu identificar padrões recorrentes, singularidades e práticas que, em alguns casos, destoavam do que a historiografia aponta como comum para outros contextos urbanos do Brasil oitocentista.

Os registros analisados revelam um panorama marcado pela diversidade social, jurídica e demográfica da freguesia de Santo Antônio. Entre os óbitos, encontram-se homens e mulheres, crianças de ambos os sexos, indivíduos de diferentes nacionalidades, pessoas escravizadas, libertas e livres, além de homens que faleceram em condição de encarceramento. Essa pluralidade evidencia a complexidade do tecido social da freguesia e reforça o potencial dos registros paroquiais como fonte privilegiada para compreender as múltiplas experiências da morte em um espaço urbano profundamente marcado por hierarquias, desigualdades e convivências forçadas entre diferentes grupos sociais.

No que diz respeito às práticas funerárias, as análises indicaram que pessoas nascidas no Brasil e africanos, independentemente de sua condição jurídica (escravizados, livres ou libertos), demonstravam uma preferência significativa pelo uso da mortalha franciscana e, especialmente, do hábito branco. Essa escolha não se mostrou isolada ou restrita ao contexto recifense, sendo igualmente observada em outras cidades do Brasil, como Salvador, conforme apontado por João José Reis (1991). Tal recorrência sugere a circulação e o compartilhamento de valores simbólicos e religiosos no interior das práticas funerárias do Brasil oitocentista.

A ampla adesão à mortalha franciscana deve ser compreendida à luz de uma herança religiosa ibérica, profundamente enraizada na cultura católica portuguesa. A crença de que o hábito de São Francisco funcionaria como um meio de intercessão espiritual, capaz de proteger a alma das penas do purgatório e abreviar o tempo de expiação após a morte, conferia a essa mortalha um valor simbólico e soteriológico²⁶. Assim, vestir-se com o hábito franciscano no momento do sepultamento expressava não apenas devoção religiosa, mas também a esperança concreta na salvação da alma e no alcance da vida eterna.

Por sua vez, o uso recorrente da cor branca nas mortalhas evidencia uma confluência de matrizes culturais que atravessavam o universo religioso do Recife oitocentista. No contexto africano e afro-brasileiro, de acordo com João José Reis (1991) o branco estava profundamente associado aos ritos mortuários, à espiritualidade e à relação com o mundo dos ancestrais, sendo amplamente utilizado em práticas religiosas de matriz africana. Já no cristianismo, essa cor simbolizava a alegria da vida eterna, reforçando a esperança na ressurreição e na salvação após a morte. Desse modo, as escolhas das mortalhas revelam não apenas a força das devoções católicas, mas também processos de ressignificação simbólica, nos quais diferentes tradições religiosas se entrelaçavam na construção das práticas funerárias.

Por fim, este estudo não pretende encerrar o debate sobre a morte no Recife oitocentista, mas antes abrir caminhos para novas investigações. As questões respondidas ao longo da pesquisa convivem com outras tantas que permanecem em aberto, convidando futuros pesquisadores a aprofundar a análise de outras freguesias, ampliar os recortes temporais ou articular novas fontes. Assim, ao colocar a morte no centro da análise, este trabalho busca contribuir para a historiografia pernambucana, evidenciando a relevância dos rituais fúnebres como chave interpretativa para compreender as relações sociais, culturais e religiosas que estruturavam a vila do Recife no século XIX.

²⁶ é um adjetivo relativo à soteriologia, o ramo da teologia que estuda a salvação, redenção e libertação da humanidade do pecado ou de perigos. Deriva do grego *sotérion* (salvação) e *logos* (estudo).

REFERÊNCIAS

ABREU, Jean Luiz Neves. **Morte Barroca e Cristianização**: As estratégias da Igreja Tridentina em Minas Gerais no século XVIII. Monografia em História - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto. Minas Gerais, 1997.

ALMEIDA, Marcos Antonio de. **Irmandades no Brasil: das devoções e práticas sócio-caritativas à construções identitárias**. In: ALMEIDA, Suely C. Cordeiro de (org.). *Entre a terra e o céu: irmandades leigas em Pernambuco (séculos XVIII–XIX)*. Recife: EDUFRPE, 2019. Cap. 1, p. 7–28.

ANDRADE, Welber Carlos. **Devoção, sociabilidade e caridade: Um panorama da das irmandades leigas pernambucanas através dos Estatutos Compromissais do século XVIII**. In: ALMEIDA, Suely C. Cordeiro de (org.). *Entre a terra e o céu: irmandades leigas em Pernambuco (séculos XVIII–XIX)*. Recife: EDUFRPE, 2019. Cap. 2, p. 29-48.

ARAIS, Raimundo. **Matriz, freguesia, procissões**: o sagrado e o profano nos delineamentos do espaço público no Recife do século XIX. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 24, 2002.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BEZERRA, Janaína Santos. **Pardos na cor & impuros no sangue : etnia, sociabilidades e lutas por inclusão social no espaço urbano pernambucano do XVIII**. 2010. 214 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário Português e Latino – (1712-1727)**. Vol. 2. Coimbra: 1712. p. 613.

CABRAL DE MELLO, Evaldo. **A Fronda dos Mazombos: Nobres contra Mascates, Pernambuco, 1666-1716**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CHITUNDA, Paulo Alexandre Sicato. **Entre Missas e Batuques: Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos em Recife, Goiana e Olinda-Século XVIII**. 2014. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

COSTA, Thais Santos et al. **Do monumento à ruína: Santo Antônio como um bairro-jardim no Recife**. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 31, p. 1-22, 2023. DOI: <https://doi.org/10.11606/1982-02672023v31e37>.

DA VIDE, Sebastião Monteiro. **Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia**. Edição fac-similar da 2ª edição de 1853. São Paulo: Typographia 2 de Julho, 1853.

FUNDAJ citado por PACHECO, Ricardo de Aguiar. **Um templo e seus tempos**: a Igreja de São José do Ribamar do Recife. *Museologia & Interdisciplinaridade, [S. l.]*, v. 5, n. 10, p. 213–226, 2016. DOI: 10.26512/museologia.v5i10.17411. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/17411>. Acesso em: 29 mar. 2024.

GIDDENS, Anthony; SUTTON, Philip W. **sociologia**. Penso Editora, 2023.

DE ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro; BEZERRA, Janaína Santos. **OS FILHOS DA RODA: INSTITUIÇÃO E ESCRAVIDÃO DE CRIANÇAS EXPOSTAS NA CASA DA RODA DO RECIFE C. 1770-C. 1829.** *Afro-Ásia*, n. 55, p. 147-174, 2017.

ENDANGERED ARCHIVES PROGRAMME. *Inventário do capitão Manoel de Brito Malheiros; inventariante Angela Vieira da Cunha Souto Maior e outros documentos da Vila de Pombal (1778-1867)* [arquivo digital]. EAP853/3/2/1. Disponível em: <https://eap.bl.uk/archive-file/EAP853-3-2-1>. Acesso em: **12 jan. 2026**.

KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Tradução e notas de Luiz da Câmara Cascudo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942. (Biblioteca Pedagógica Brasileira. Série 5: Brasiliana, v. 221).

MÉNURET DE CHAMBAUD. *Morte I (Medicina)*. In: DIDEROT, D.; D'ALEMBERT, J. le R. (Org.). **Enciclopédia: ou Dicionário razoado das ciências, das artes e dos ofícios**. Tradução de Marcos Barbosa de Oliveira et al. São Paulo: Editora Unesp, 2022. v. 3, p. 290.

MONUMENTOS E CURIOSIDADES DO RECIFE. [S.l.: s.n.], s.d. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b532044176>>. Acesso em: 18 de abr, 2024.

MOREIRA, Fernando Diniz et al. **Recife: cinco séculos de cidade e arquitetura**. Recife: Cepe, 2022.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. **Um templo e seus tempos: a Igreja de São José do Ribamar do Recife**. *Museologia & Interdisciplinaridade, [S. l.]*, v. 5, n. 10, p. 213–226, 2016. DOI: 10.26512/museologia.v5i10.17411. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/17411>. Acesso em: 29 mar. 2024.

THE ALTERNATIVE GUIDE. **Santa Maria dell'Orazione e Morte**. Disponível em: <https://thealternativeguide.com/santa-maria-dellorazione-e-morte>. Acesso em: 29 jul. 2025.

REGISTOS paroquiais. In: **DICIONÁRIO de História Religiosa de Portugal**. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa, 2000. v. P–V, p. 99–101. Disponível em: <https://portal.cehr.ft.lisboa.ucp.pt/Enciclopedia/artigo/Registosparoquiais%20PT>. Acesso em: 8 jan. 2026.

REIS, João José. **O cotidiano da morte no Brasil oitocentista**. In: NOVAIS, Fernando A. (coord.); ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org.). *História da vida privada no Brasil: Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 95-142.

SAMPAIO, Juliana da Cunha. **Irmãos do Rosário de Santo Antônio: Gênero, Cotidiano e Sociabilidade em Recife (1750-1800)**. 2009. 160 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

SANTOS, Bárbara Barbosa dos; MELO JÚNIOR, Jonas Clevison Pereira de. Saberes e práticas da medicina sobre a escravidão no Recife na primeira metade do século XIX. In: GARCIA, Ana Karine Martins; GOMES, Elane Cristina Rodrigues; SULIMAN, Sara da Silva; MELO JÚNIOR, Jonas Clevison Pereira de; COSTA, Ejhon Lucas Dias; SOUSA, Vanessa Barbosa Araujo de (org.). *História das práticas da saúde e das doenças: ciência, medicina e profissões da saúde*. Porto Alegre: Editora Fi, 2022. p. 79–107.

SIAL, Vanessa Viviane de Castro. **Das igrejas ao cemiterio: políticas publicas sobre a morte no Recife do Seculo XIX**. 2005. 358p. Dissertação (mestrado) - Universidade

Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: 20.500.12733/1599052. Acesso em: 15 dez. 2025.

SILVA, Antônio de Moraes. **Dicionário da língua portuguesa** – recompilado dos vocabulários impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por ANTÔNIO DE MORAES SILVA natural do Rio de Janeiro oferecido ao muito alto, e muito poderoso Príncipe Regente Nosso Senhor. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. [1ª edição em Lisboa, Oficina Simão Tadeu Ferreira, em 1789, 2v.] [<http://www.brasiliana.usp.br/dicionário/edição/2>] v.2. p. 332

SILVA, Gian Carlos de Melo. **Um só corpo, uma só carne**: casamentos, cotidiano e mestiçagem no Recife colonial(1790-1800). 2ed. Maceió: EDUFAL, 2014.

SILVA, Marcelo Cândido da. **História Medieval**. São Paulo: Contexto, 2005.

SILVA, Welber Carlos Andrade da. **As elites de Santo Antônio - poder, representações e sociabilidade** - o caso da Irmandade do Santíssimo Sacramento (1791-1822). 2012. 159 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

VASCONCELOS, Thatiana Lima; SÁ, Lucilene Antunes Correia Marques de. **A cartografia histórica da Região Metropolitana do Recife**. *Anais do I Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica*, Recife, 2011. Disponível em: <http://www.bn.br/portal/>. Acesso em: 7 ago. 2025.

ARQUIVO DA CÚRIA METROPOLITANA DE OLINDA E RECIFE. *Livro de óbitos da freguesia de Santo Antônio do Recife*, 1800–1825. Livro paroquial. Disponível em: <https://www.familysearch.org>. Acesso em: 12 jan. 2026.